

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

OS CAMINHOS DA AUTORIA

Carla Cardoso Fonseca

PORTO ALEGRE
2011

CARLA CARDOSO FONSECA

OS CAMINHOS DA AUTORIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2011

CARLA CARDOSO FONSECA

OS CAMINHOS DA AUTORIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre, de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva
Orientadora

Prof^ª Dra. Magali Endruweit
Examinadora

Prof. Dr. Marlon de Almeida
Examinador

AGRADECIMENTOS

Dedicado aos meus alunos, aqueles que me fizeram crer que autoria se ensina. E que vale a pena ensiná-la.

À minha mãe, por ensinar-me que a altura e a beleza do voo são resultados do esforço que empregamos ao voar.

Ao meu pai, por mostrar-me que o silêncio comunica e que amar é sentir, não falar.

Ao Marcelo, que vem sendo, nesta última década, meu mais ardente incentivador.

Aos meus irmãos, amigos e demais familiares, por compreenderem a minha ausência e por, algumas vezes, terem impedido que me ausentasse.

À minha orientadora, por ter acreditado nos meus projetos e por ser a profissional e a pessoa em quem me espelho e projeto minha docência.

Aos meus professores, que, à sua maneira, souberam mostrar-me que a educação merece respeito e profissionais competentes.

*A linguagem é uma legislação, a língua é seu código.
Não vemos o poder que reside na língua porque
esquecemos que toda língua é uma classificação, e
que toda a classificação é opressiva.*

Roland Barthes

RESUMO

Neste trabalho, estuda-se a autoria e o percurso de formação de sujeitos-autores. Objetiva-se refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam o aparecimento de autores competentes, capazes de criar textos que demonstrem personalidade. O ponto de partida é uma revisão bibliográfica sobre o que se entende por *autor*. Analisa-se, na sequência, o processo de autoria, sob o viés do estilo, da subjetividade e da singularidade. Trata-se, também, da relação entre autoria e ensino, a partir do relato de uma experiência com textos infantis. Discute-se, ainda, sobre os indícios que podem revelar autoria, ressaltando-se a importância da observação destes no ensino.

Palavras-chave: autoria, ensino, estilo, subjetividade, singularidade.

RESUMEN

En este trabajo, se estudia la autoría y el camino de formación de sujetos autores. Se objetiva reflexionar sobre prácticas pedagógicas que favorezcan el surgimiento de autores competentes, capaces de crear textos que demuestren singularidad. El punto de partida es una revisión bibliográfica sobre lo que se entiende por *autor*. Se analiza, luego, el proceso de autoría, desde el concepto de estilo, de subjetividad y de singularidad. Se trata, también, de la relación entre autoría y enseñanza, a través del informe de una experiencia con textos de niños. Se discute, aún, sobre los indicios que pueden revelar autoría, señalando la importancia de la observación de estos en la enseñanza.

Palabras clave: autoría, enseñanza, estilo, subjetividad, singularidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 TRILHAS DA ESCRITA: OS CAMINHOS DA AUTORIA	11
1.1 O QUE É O AUTOR?.....	11
1.2 AUTORIA, ESTILO E SUBJETIVIDADE.....	13
1.3 AUTORIA E SINGULARIDADE.....	16
2 AUTORIA E ENSINO	18
2.1 O PROFESSOR E O ALUNO: CONCEPÇÕES DE AUTORIA.....	18
2.2 O QUE É UM BOM TEXTO?.....	24
2.3 INDÍCIOS DE AUTORIA.....	26
3 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA	30
3.1 O PRINCÍPIO.....	30
3.2 A PRÁTICA.....	32
3.3 OS TEXTOS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um descontentamento pessoal. Normalista de formação, desde muito cedo estive em sala de aula. Aos quatorze anos, comecei a entrar em contato com alunos, primeiramente como monitora em distintos colégios da rede pública e privada. Foram quatrocentas horas de monitoria, divididas em quatro anos de curso. Foi este o período em que iniciou meu desconforto.

Apaixonada desde sempre pelo mundo da escrita, não me conformava com a forma com que as chamadas “aulas de redação” eram conduzidas. Isto quando elas aconteciam, o que era bastante incomum. Eu pensava e questionava se aquela era a única maneira de propor produções textuais. Foi este o momento em que decidi que eu faria diferente.

Nesta época, a palavra autoria não fazia parte do meu campo léxico. O ano: 2006. Eu entrava no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a certeza de que seguiria sendo professora sempre. E queria respostas para o meu dilema: como ensinar meus alunos a escrever de verdade? Mesmo sem muita teoria, eu estava estagiando neste mesmo ano, com uma turma de quarta série, e estava fazendo da produção escrita um momento especial da aula.

Nas disciplinas em que cursava na Universidade, eu procurava indícios que me mostrassem qual caminho seguir. Tardou bastante para que eu encontrasse, nas aulas, referências ao meu dilema. O curso findava, e eu ainda não estava satisfeita com as respostas que obtivera. Comecei, portanto, a buscar referenciais teóricos da área. Foram poucos os encontrados, por ser uma investigação ainda incipiente. Foi quando decidi que autoria seria o assunto deste trabalho. Conteí, para isso, com o apoio daquela que me orientava.

Este trabalho, portanto, é fruto deste percurso.

Em relação à sua organização, inicialmente, debruça-se sobre o aporte teórico da área, caminhando, no primeiro capítulo, sobre as trilhas da escrita. Busca-se definir o que se entende por autor e por autoria, relacionando este conceito às noções de estilo, subjetividade e singularidade.

No segundo capítulo, associa-se a noção de autoria ao ensino, refletindo sobre as concepções de autoria na sala de aula pelos agentes da educação: professores e alunos. Procura-se, também, discutir sobre o que é um bom texto, bem como quais indícios poderiam revelar autoria.

Na sequência, no terceiro capítulo, relata-se uma experiência pedagógica de desenvolvimento da autoria, revelando limites e possibilidades de uma docência que pauta seus objetivos na formação de sujeitos-autores. Os anexos encontrados ao final do trabalho remontam a este capítulo. Trata-se de textos produzidos por alunos da quarta série do Ensino Fundamental, com idades entre nove e dez anos.

Em tempo, é importante sinalizar que não há filiação a uma teoria apenas. Em primeiro lugar, porque os pressupostos isolados de uma escola analítica não responderiam às tensões da temática. Em segundo lugar, porque se optou por evidenciar o que cada referencial teórico apresenta, por entender que a heterogeneidade é constitutiva da noção de autoria.

1. TRILHAS DA ESCRITA: OS CAMINHOS DA AUTORIA

1.1 O QUE É O AUTOR?

A palavra autor traz consigo inúmeras questões, visões e acepções. De que autor se está falando? Autor-profissão? Autor-dom? Autor-vocação? Profissão de poucos escolhidos? De privilegiados? O escritor de qualquer texto pode ser chamado de autor? Pode uma criança ser autora? É possível converter-se em autor? Ou trata-se de algo inato? Quais são os indícios que demonstram que há autoria? Estas são algumas das tensões que envolvem tal *nomenclatura*. Para que se possa trilhar pelos caminhos da autoria, faz-se necessário, portanto, definir o que se entende por autor, a partir de um lançar de olhos à produção bibliográfica da área, estabelecendo, assim, de que tratamos quando mencionada for a referida palavra neste trabalho.

A palavra autor deriva do latim *auctor, óris*, significando “o que produz, o que gera, faz nascer”. O dicionário Aurélio (2009: 233) oferece a seguinte definição para autor: *inventor, descobridor, fundador, instituidor, responsável por um empreendimento, um projeto, um plano*.

Esta definição traz a ideia de originalidade, daquele que funda, que aporta algo novo: isto definiria, sob este viés, o autor. Neste sentido, para que se configure um escritor como autor, seria necessário certo toque de personalidade, de presença no texto de um sujeito-autor. Orlandi (1988: 79) afirma que

Não basta “falar” para ser autor; falando, ele é apenas falante. Não basta “dizer” para ser autor; dizendo, ele é apenas locutor. Também não basta enunciar para ser autor.

Se autor não é aquele que fala, tampouco aquele que diz, o que é, então, um autor? Michael Foucault e Roland Barthes também dedicaram espaço em suas obras para refletir, na tentativa de proferir uma resposta à pergunta acima exposta. Para Foucault (1971: 11), o autor é “um princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, como centro de sua coerência”. Autor seria, para ele, aquele que funda uma discursividade.

Barthes (1984: 51) traz um elemento novo à concepção de autor: a fusão entre autor e obra. Entende que o

Autor, quando se acredita nele, é sempre concebido como o passado de seu próprio livro: o livro e o autor colocam-se a si próprios numa mesma linha, distribuída como um antes e um depois: supõe-se que o autor alimenta o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive com ele; tem com ele a mesma relação de antecedência que um pai mantém com seu filho.

Conforme o filósofo, há uma relação de paternidade entre autor e obra, tal criador e criatura, uma simbiose perfeita e harmônica entre aquele que diz e aquilo que carrega o dito. Em obra anterior, Barthes (1974: 31-32) discute sobre os limites do texto (e, portanto, sobre a função-autor), diferenciando a escrita daquilo que chama de *escrevência*. Esta diferença residiria nas distintas posturas do autor. Afirma:

(...) posso esperar distinguir a escrita daquilo que chamei de *escrevência*. [...] A *escrevência* seria, no fundo, o estilo daquele que escreve julgando que a linguagem não é mais que um instrumento, [...] é o estilo daquele que recusa propor o problema da enunciação, e julga que escrever é simplesmente encadear enunciados. [...] Há todas as espécies de estilos que se definem sempre pela recusa do escritor de se situar como sujeito na enunciação, e isso é a *escrevência*. Neste caso, não há, evidentemente, texto. [...] o verdadeiro limite estabelece-se entre a *escrevência* e a escrita; tem a ver com o lugar do sujeito na enunciação, conforme esse lugar é assumido ou não é. É assumido na escrita, não é assumido na *escrevência*.

Assumir uma postura na escrita é o que se chamará, aqui, de *responsabilizar-se pelo dito*. O autor, nesta concepção, é alguém que busca a escrita, e não a *escrevência*. É alguém que reconhece e assume que a linguagem é muito mais do que instrumento, mais do que simplesmente código; é alguém que assume o seu lugar na enunciação.

Referente à análise enunciativa do ato de escrever, Flores (2008: 256) afirma que *a palavra autoria seria uma espécie de síntese na qual estariam contidos, simultaneamente, no tempo da enunciação, autor, leitor e texto*. Este nó de três pontas constituiria, portanto, a complexa rede composta por quem enuncia, por quem escuta/lê o enunciado e pelo que é enunciado. A enunciação só existe quando há responsabilidade pelo que é dito, já que *enunciar é dar uma direção de sentido [...], sendo, portanto, um ato de autoria*. (Flores, 2008: 269).

Orlandi (1988: 79) lembra que *aprender a se colocar [...] como autor é assumir [...] esse papel social, na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor*. Autor é, desta forma, quem compreende que a escrita e a linguagem não são neutras, são, mais bem, reflexos de uma discursividade, de uma tomada de posição.

Deste modo, em linhas gerais, baseando-se na produção bibliográfica analisada, poder-se-ia definir autor como 1) aquele que se responsabiliza pelo dito; 2) aquele que, necessariamente, direciona o sentido; 3) que manifesta o que diz com uma certa personalidade, singularidade; 4) aquele a quem, sendo singular, atribui-se um estilo; 5) que localiza o seu dizer em uma historicidade que constitui e é constituída pelo dito; 6) que sabe para que e para quem escreve, quer dizer, que seu texto tem uma finalidade estabelecida. A partir destes tópicos, analisar-se-á o que é autoria na continuidade deste escrito.

1.2AUTORIA, ESTILO E SUBJETIVIDADE

É comum relacionar o conceito de autoria aos de estilo e subjetividade, uma vez que, de fato, são conceitos que, por definição, associam-se. Mas o que se entende por estilo e por subjetividade neste recorte analítico? Possenti (2001: 16) define estilo como “um certo modo de organizar uma sequência (de qualquer extensão), focando-se como fundamental a relação entre essa organização e um determinado efeito de sentido.” O estilo, portanto, seria alcançado a partir não apenas de uma boa escolha vocabular, mas também da maneira peculiar como as mesmas são arranjadas; estaria mais relacionado ao *como* do que ao *o quê*. O primordial, a questão a qual deveria o autor estar preocupado em responder é *como* poderia emitir um pensamento, e não apenas qual pensamento emitir.

Possenti (2007: 19), em seu artigo “Ensinar estilo?”, lembra:

Muita gente associa estilo à literatura (ou a idiossincrasias) e acreditando, corretamente, que ninguém se torna escritor na escola (nem sambista), jamais proporia que se devesse ou que se pudesse ensinar estilo. Penso o contrário. Primeiro, porque não associo estilo à literatura nem à idiossincrasia. Segundo, porque acredito que as aulas de português podem chegar a um ponto depois do qual não se trata mais de ensinar o que é “correto”, mas de sofisticar os textos.

Sofisticar textos, como proposta pedagógica, seria a forma de desenvolver estilo em textos escolares. Mais do que adaptá-los à ortografia e aos padrões de ordem gramatical, é essencial encontrar maneiras de dotar os textos de um estilo pessoal, que seja capaz de revelar gostos, preferências, agrados e desagradados, traços de personalidade e crenças daquele que profere o dito. Quer dizer, traços capazes de diferenciar o texto escrito por um e por outro autor, traços que convertam o dito em algo único e irrepetível.

Quando surgem, nos textos produzidos pelos alunos, manifestações particulares e não esperadas para determinado gênero textual, pode-se entender tais *deslizes* como marcas de um estilo próprio. Estes elementos, teoricamente reveladores do desconhecimento das “regras do jogo”, da forma esperada, do tipo de linguagem adequado – mais ou menos formal, etc., podem indicar que o autor daquele texto “trabalhou” sobre seu texto, entendendo que as regras composicionais também podem ser relidas. É essencial que se admita que, conforme alerta Flores (2008: 269), *não ver a língua como um lugar de normalização do dizer implica que ela seja, para o sujeito, a condição de possibilidade de constituição de um estilo. A língua comporta e estilo, todos e o de cada um.* “Todos e o de cada um”: admitir a diversidade não é ferir os princípios da língua, ao contrário, é admiti-la como meio pelo qual os sujeitos podem manifestar-se, de maneira peculiar, revelando estilos próprios. A maior beneficiada com esta diversidade de estilos é a própria língua.

Raquel Fiad (2008: 233) comenta sobre a produção de textos informativos por alunos, nos quais há a presença de elementos informais, não esperados neste gênero textual. Após feitas análises dos mesmos, conclui que

Nestes exemplos, as marcas de informalidade [...], não previstas em gêneros informativos, provocam uma ruptura no estilo do gênero e essas marcas podem indicar o estilo individual sobrepondo-se ao estilo do gênero. Além disso, essas manifestações reforçam o caráter maleável e flexível dos gêneros, mesmo daqueles que podem ser considerados menos flexíveis.

A maleabilidade e a flexibilidade dos gêneros podem deixar transparecer autoria, a partir da manifestação do estilo individual. O caráter subjetivo da linguagem revela um posicionamento, uma tomada de posição do autor. Ao romper com as amarras da forma, o autor compromete-se com o seu texto, mostrando que está disposto a fazer

algo diferente. E é exatamente nesta diferença que residem as marcas de subjetividade e estilo, indícios de autoria.

Não é objetivo defender uma “anarquia dos gêneros”. É fundamental, inclusive, que os alunos sejam ensinados a identificar as marcas que definem um gênero textual e que o diferenciam de outro. Entretanto, é preciso admitir que as fronteiras que delimitam cada um deles não são inalteráveis e intocáveis. Quando alterações nestes padrões são estabelecidas de maneira consciente, e não acidental, podem ser reveladoras do estilo individual, de uma postura de agente, de subjetividade. Portanto, de autoria.

Ensinar regularidades definidoras de cada gênero não é uma postura de homogeneizar o ensino. Raquel Fiad (2008: 234) lembra que

O ensino dos gêneros pode incluir tanto o aspecto normativo do gênero quanto as possibilidades de modificá-lo, ou seja, aprender um gênero pode ser já aprendê-lo em sua diversidade e não supondo-o homogêneo.

Ensinar regularidades também é buscar a heterogeneidade. Uma postura pedagógica que admite que o regular pode ser alterado e que, inclusive, é bom que o seja é uma postura que possibilita o aparecimento de sujeitos-autores, capazes de revelar-se através daquilo que escrevem. Ser autor é ser também transgressor. Mas só transgride quem é ensinado a fazê-lo. Não há genialidade neste sentido. Há, isto sim, um ensino comprometido com a autoria.

1.3 AUTORIA E SINGULARIDADE

Possenti (2001: 17) elenca três aspectos fundamentais que, para o teórico, possibilitam que se pense na noção de autoria com mais clareza. Diz:

Os elementos fundamentais para repensar a noção, imagino, são os seguintes: por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala em autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de memória que façam sentido; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar a verdadeira hipótese de uma certa personalidade, de alguma singularidade.

De sua afirmação, constata-se que os aspectos norteadores para pensar a autoria são 1) a manifestação peculiar na escrita, 2) a inscrição dos textos em discursos e 3) uma certa personalidade. Analisando cada um destes elementos, pode-se relacionar esta manifestação peculiar à noção de estilo, citada anteriormente. Cabe ressaltar que tal peculiaridade é alcançada quando é feito um trabalho sério e sistemático em referente à escrita; não tem relação, segundo a ideia defendida neste trabalho, com genialidade ou inspiração inata. Em relação ao segundo aspecto, a inscrição dos textos em discursos, é possível relacioná-lo ao princípio do necessário diálogo que um texto deve estabelecer com os domínios da memória, da realidade ou da própria vida. Os dois primeiros itens destacados anteriormente, a propósito da afirmação de Possenti, são fundamentais e decisivos para a reflexão sobre a autoria. Entretanto, é ao terceiro item, qual seja, a hipótese de uma certa personalidade, que será voltada a análise neste momento.

A personalidade a que o autor se refere é a defesa do singular na linguagem, de uma forma de dizer que não pode ser repetida com exatidão, pois é uma voz única, e não mera reprodução de outras vozes. Flores (2008: 268) trata a autoria como *um efeito decorrente da busca de se singularizar na língua*. Quer dizer, não se trata apenas de escrever textos singulares; trata-se, mais bem, de **ser singular**, de constitui-se como incomparável e de construir textos irrepetíveis – por mais que outro diga o mesmo, as condições de produção não são as mesmas. É o que o autor chama de *princípio da irreduzibilidade do dizer de um ao dizer do outro* (Flores, 2008: 262). Se o que é proferido é feito por um “eu”, se esta proclamação é estabelecida, de fato, por

um autor, então este texto é único, porque não há outro “eu” que seja capaz de proferir exatamente o dito. Neste caso, o princípio acima exposto pode ser entendido como manifestação de autoria.

Flores (2008: 267-268) prossegue sua reflexão afirmando que

A autoria [...] é o efeito de uma prática generalizada do sujeito na linguagem: a prática de enunciar. E tomo a enunciação aqui não como o ato de utilizar palavras para comunicar algo, mas como o pôr em evidência o ato mesmo de tentar escolher a “palavra certa”, de dar direção ao sentido. [...] Por isso, concebo a enunciação como uma tentativa de afunilar o sentido. Os mecanismos singulares inerentes a isso marcam uma relação entre enunciado e enunciação que é sempre da ordem do singular.

A metáfora do funil é uma excelente imagem para a ideia de singularidade. A partir de muitas possibilidades léxicas, é singular a escolha da “palavra certa”, escolha esta reveladora do direcionamento de sentido. Direcionar o sentido é, assim, *afunilar*. Flores descreve, com base nos estudos de Barthes, a busca da singularidade como uma certa teimosia com a língua. Só é “teimoso” aquele que trabalha sobre o texto, que não se acomoda com o homogêneo e que não se conforma em repetir apenas, que busca a heterogeneidade que é, em última análise, constitutiva da linguagem e do ato de enunciar. Enunciar, para Flores, cujas ideias são compartilhadas por este texto,

(...) é dar uma direção de sentido, é se singularizar na repetibilidade da língua, sendo, portanto, um ato de autoria. [...] A singularidade toma da regularidade da língua para fazer nascer o sentido de cada enunciação. (2008: 269)

Portanto, beber e fazer com que os alunos bebam do regular para que cheguem ao singular é um dos objetivos de uma prática docente voltada à constituição de sujeitos-autores e à elaboração de textos que apresentem traços de singularidade. Fazer nascer o sentido deve ser um dos parâmetros do desenvolvimento autoral.

2. AUTORIA E ENSINO

2.1 O PROFESSOR E O ALUNO: CONCEPÇÕES DE AUTORIA

Houve um tempo, especialmente aquele em que imperavam ideais românticos, em que a condição *autor* estava intimamente relacionada à inspiração, dom, vocação, isolamento, distanciamento e – por que não – sofrimento. Houve um tempo. Houve: verbo aparentemente conjugado no pretérito. Espera-se que tal conjugação não revele resquícios de permanência no presente. Espera-se. Mas não. Embora se possa estar seguro de que estas ideias ultrapassadas estejam superadas, é no interior das escolas (e também das academias!) que o ideal romântico persiste, vive e é alimentado, o que afasta, com espaço abismal, o conceito de autoria do de ensino.

Observando relatos de professores e analisando a produção - incipiente - da área (Callil, 2007, 2009; Possenti, 1988, 2001, 2002), percebe-se que há uma névoa obscura pairando sobre o ensino da escrita, especialmente quando se trata de ensinar além da decodificação de letras e dos aspectos ortográfico-gramaticais. Esta observação revela que não há segurança, tampouco esclarecimento, no que se refere ao ensino da autoria como uma das tarefas da escola. Ensinar a escrever *de verdade*, ensinar o aluno a posicionar-se no texto, assumindo uma função-autor, parece ser impossível, utópico ou desnecessário, uma vez que, não havendo nascido com o dom da escrita, jamais poderá um aluno transformar-se em autor.

Esta postura de descrença na sua capacidade de converter-se em autor é captada pelo mesmo. É como este fosse culpabilizado por não haver “nascido autor” e tivesse que carregar o fardo da fraca escritura, mesmo antes de estar alfabetizado. Este aluno é, muitas vezes, tachado como ruim, fraco, indisciplinado. Filomena Assolini (2008: 97) questiona-se e propõe que haja reflexão:

Cabe perguntar se o desassossego, a inquietação e a indisciplina do aluno não seriam comportamentos e atitudes que mostram suas tentativas e esforços para ocupar um lugar no contexto escolar onde não fosse reprimida a sua voz.

Este contexto abafa a expressão e a voz, muitas vezes, por não acreditar nestas, por não apostar na viabilidade de ensinar a ser autor. A defesa apresentada neste trabalho caminha a favor da possibilidade, sim, de um ensino da autoria. Ninguém

nasce autor, aprende a sê-lo. E esta aprendizagem, embora pareça uma obviedade, só acontece se houver professores comprometidos a ensinar autoria. E ensinar autoria não é apenas oferecer momentos de “redação”, mas fazer destes momentos de produção textual espaços para que os sujeitos se insiram no texto, manifestando indícios de subjetividade, estilo e personalidade. Raquel Fiad (2008: 228) afirma que

(...) é possível conduzir esse processo de constituição de sujeitos autores se os sujeitos estiverem inseridos em práticas sociais de escrita e desde que se tenha uma perspectiva de ensino-aprendizagem de escrita que entenda a linguagem como constitutiva dos sujeitos. Em suma, se perguntarmos “é possível ensinar autoria”, acredito que se possa responder afirmativamente desde que se entenda ensinar nessa perspectiva mencionada.

Se a escrita é, conforme apresenta a autora, uma prática social, ela não pode ser concebida como mais uma tarefa escolar, como um *dizer o que o professor quer ouvir*, uma vez que a liberdade para a expressão escrita deve ser uma das principais premissas da atividade docente. Aliás, este é um dos maiores entraves da escrita na sala de aula: o pensamento do aluno expressado no texto é uma espécie de extensão do que ele julga ser o pensamento do professor, muitas vezes dotado de esteriótipos, obviedades, lugares-comuns. É impossível ser autor na escola se o aluno *gasta* tempo e pensamento tentando identificar qual é a resposta que o professor está esperando, qual é a sua opinião sobre determinada temática. Soraya Romano (2008: 239) lembra que, muitas vezes,

(...) os alunos escrevem somente para o professor como se fosse necessário “adivinhar” o que o professor espera dos textos produzidos por quem ocupa os bancos escolares. Disso decorre que a atividade de leitura/escrita que poderia transformar-se em criatividade, espontaneidade, passa a ser um enigma para o aluno, que tem medo de errar, isto é, tem medo de escrever o que o professor não está esperando.

Medo e tentativa de adivinhações são completamente incompatíveis com o exercício da autoria. Não se concebe autor como uma extensão obrigatória do pensamento de outrem, uma vez que, conforme discutido no capítulo anterior, um dos princípios norteadores para o ensino da autoria é a personalidade, a subjetividade. É muito difícil para o aluno constituir-se como autor de seus textos se o sentido a ser expresso já está construído e é único. Neste caso, ao aluno resta unicamente a tarefa

de reproduzir o dito, e não de estabelecer uma discursividade. Callil (2009: 177) alerta que esta univocidade deve ser afastada da sala de aula. Segundo ele,

(...) tentar entender os movimentos do sujeito no texto e do texto sobre o sujeito coloca a necessidade de se escapar de práticas didático-pedagógicas que trabalham sobre a “apreensão de um sentido unívoco”, tratando as “normas/regras gramaticais” como lugares de transparência e pontos de referência para o “aprendizado” da “língua” escrita.

Em concordância com Callil, Ana Maria Netto Machado (2007: 184) lembra que perguntas feitas pelos alunos aos professores, na ocasião da escritura, que são aparentemente inocentes e esperadas, podem revelar que, no inconsciente do autor, há apenas um destinatário para seu texto. E isto reforçaria a univocidade e a apreensão de sentido.

Escrever para um ou outro destinatário interfere nas motivações e na subjetividade de quem escreve, gerando angústias e satisfações bastante distintas. Todavia, em ambos os casos, aquele que vai se por a escrever titubeará e fará a típica pergunta a quem supõe deter este saber. À professora, por exemplo: Professora, **como se faz?** A resposta a tal pergunta será muito provavelmente a indicação de um caminho que se oferece como eficaz ou até infalível, pois **conta com o crédito de quem responde e a fé de quem pergunta.** (Grifos do autor)

Este **como se faz** apontado pelo autor pode ser analisado de duas maneiras, dependendo da postura do educador: 1) se, em sua resposta, estiverem inseridos muitos **como**, então o aluno pode induzir que não há uma única forma correta e que o professor não só aceita como busca a heterogeneidade e a subjetividade ou 2) se, em sua resposta, houver menção a uma forma de exposição do conteúdo, então é este o momento em que o aluno percebe que há apenas um interlocutor – o professor-destinatário, o professor-fim. Neste caso, induzirá que, se sua ideia não for a esperada pelo professor, estará errada e deverá ser, portanto, reformulada. A polissemia, na maioria dos casos, especialmente pelos professores que seguem a segunda postura apresentada, é indesejada. Resta ao estudante a paráfrase. E ser autor não é parafrasear, é criar. Soraya (2008: 240) entende que é exatamente no momento em que a polissemia não é bem vinda que

(...) começa a quebra da autoria, posto que, para ser autor, no nosso entendimento, é preciso acrescentar o novo, como se a “matéria” para a construção do texto fosse uma massa de modelar que já tem uma existência, mas cada sujeito pode dar uma nova forma para ela, o que é possível quando se trabalha na tensão entre paráfrase (a massa) e polissemia (as novas formas que podem ser criadas).

Quebra da autoria: eis um belo estímulo para a reflexão. Verdadeiramente, o aluno não inicia sua vida escolar sabendo que deve reproduzir os pensamentos do professor. Deve haver, de fato, uma ruptura, uma quebra; afinal, adivinhar o que o professor quer que seja dito também é uma aprendizagem, decorrente, em algum grau, de frustradas tentativas de livre expressão, de exercício da singularidade. Possivelmente, ideias que pertenciam ao campo da autoria alguma vez tenham sido formuladas e, talvez, por serem *caneteadas*, foram abandonadas.

Na altura em que se está, é preciso que uma ponderação fique clara: não é objetivo, neste trabalho, incluir todas as práticas docentes em uma mesma rotulação, qual seja, a de abafadoras do sujeito-autor. É importante que se entenda que este trabalho se refere a uma massa de professores que sequer sabe ou acredita que a autoria possa ser ensinada e reproduz a forma com a qual, provavelmente, foi ensinada. Certamente, haverá muitos educadores para os quais a referida rotulação não se estenda, porque fazem dos momentos de escritura espaços de polissemia. A estes não se aplicam as generalizações feitas. Entretanto, de modo geral, deve-se admitir que o aluno *aprende*, talvez de forma inconsciente, que é melhor não contrariar as ideias daquele que tem o poder de estabelecer o certo e o errado, que é a autoridade quando o assunto é língua.

Uma vez que o autor em formação compreende que sua posição é de reprodutor, quebra-se a possibilidade de sequência em seu processo de constituição. Sobre isto, Magali Endruweit (2006: 92) lembra que

É na escola que o aluno aprende que escrever bem seria aproximar-se de modelos pré-estabelecidos, fugindo de uma escrita reveladora de conflitos, fracassos, abandonos. Há um aprendizado de não envolvimento, de falsificação das emoções e conseqüentemente de não reflexão sobre a própria história. Nesse sentido, não é difícil perceber que o cerne do problema está na escola que ajudou a construir uma imagem da escrita como formalidade, resultado de um treinamento para escrever na escola e fora dela.

Escrever, segundo esta proposta, é internalizar o modelo de bom texto, aprendido nos clássicos da literatura, e reproduzi-lo *ad infinitum*. A escrita é, assim, mero exercício escolar, um eterno repetir. Ora, se se expressar bem é esconder-se, jamais alcançarão os alunos assim ensinados o nível da autoria, pois este requer exatamente o contrário, ou seja, a expressão, a inserção, a presença daquele que escreve naquilo que produz.

Magali (2006: 95) segue dizendo que *Na escola é preciso que o aluno conheça para que possa passar suas conclusões para o papel*. Não se concebe que uma criança ou um adolescente possa construir ideias exatamente no mesmo momento em que escreve. Para que um texto possa ser categorizado como autoral, o pensamento do autor deve estar claro e estabelecido antes mesmo de que pegue a caneta. Quer dizer, escrever não é um ato que inicia com escrita, e sim com fala, com leitura, com percepção do mundo, com experiência. Estes movimentos anteriores à explicitação no papel das conclusões que o autor tirou sobre o tema reforçam a busca por uma pessoalização do ato de escrever; no caso de não serem feitos estes movimentos, os comentários dos professores sobre o fraco desempenho dos alunos continuarão sendo ouvidos.

Sob este viés, quando se proferem discursos de desagrado com a fraca criticidade dos alunos, sejam eles de nível básico ou superior, é preciso perguntar-se: como pode estabelecer-se como crítico alguém que não fora treinado para tal tomada de posição? Soraya (2008: 253) alerta que *fica difícil para o aluno assumir uma posição para a qual não foi preparado*. Uma vez mais: autoria requer ensino; ensino, por sua vez, pautado na necessidade de que o texto tenha voz. Necessidade de inserção do autor em sua produção escrita, sem medo de retalhações.

Fiad (2008: 234), por fim, adverte que

(...) a constituição de sujeitos autores deveria ser entendida como parte do processo de aquisição e de ensino da escrita e não como algo dissociado deste processo. Essa constituição é não só possível, [...] é também o que justifica o ensino da escrita.

A autoria, neste sentido, deve ser entendida como processual, quer dizer, assim como o aluno aprende, processualmente, a decodificar letras, uni-las e, com elas, formar palavras, frases e textos, é também desta maneira que deve aprender a

escrever *de verdade*. Não se pode conceber que seja necessário trabalhar, primeiro, com textos de baixa qualidade e nenhuma autoria (como os textos de cartilha de alfabetização) para depois – se houver tempo – mostrar-lhes textos mais coesos e coerentes, por assim dizer. Desde o início da aquisição da leitura e da escrita, é fundamental que sejam oferecidos bons modelos textuais, que os possibilitem, na sequência, a também construí-los. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997: 50), no que tange à língua portuguesa, orientam que se deve

oferecer textos escritos impressos de boa qualidade, por meio da leitura (quando os alunos ainda não lêem com independência, isso se torna possível mediante leituras de textos realizadas pelo professor, o que precisa, também, ser uma prática continuada e frequente). São esses textos que podem se converter em referências de escrita para os alunos.

Oferecer textos de qualidade não significa que estes devam ser modelos de bem escrever, que sejam formas únicas e receitas de sucesso. Quer dizer que, em suas práticas docentes, os professores devem fugir de textos modelo cartilha (O rio é bonito. Ele é azul. Eu gosto do rio.), já que de nada contribuem para a formação de um autor, por não revelarem voz, por serem construídos a partir de obviedades, de lugares-comuns. É preciso ensinar a escrever textos que tenham, pelo menos, um mínimo de densidade, de explicação da motivação dos atos apresentados, de relação com elementos culturais, de relação com outros discursos. Neste sentido, possibilitar que o aluno esteja em constante contato com textos instigantes e minimamente densos auxilia na busca pela autoria. No referido documento, na sequência (1997: 50), afirma-se:

Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos.

Percebe-se, a partir da leitura dos Parâmetros, que os professores são orientados a trabalhar com uma meta bastante clara: a de formar autores. Em nenhum momento, neste documento, é dito que os professores devem apresentar modelos de escrita e que estes devam ser utilizados como receita, de modo que aquilo que não esteja condizente ao modelo ou às ideias do professor deva ser considerado errado.

Tampouco é dito que a escrita é um espaço para que o professor julgue apenas aspectos ortográfico-gramaticais. Os PCN orientam justamente o contrário. Tal documento assume uma posição de valorização e de incentivo ao ensino da escrita pautado pela busca da autoria.

Entretanto, é salutar questionar: quais são os professores que lêem os PCN? Quais são as escolas que oferecem e trabalham sob tal orientação? Quais são os professores que acreditam na perspectiva apresentada? Quando um documento basilar da educação não é lido, conhecido com profundidade ou sequer considerado, ele não passa de um amontoado de papéis destinado, no máximo, à apresentação aos órgãos de controle internacional.

2.20 QUE É UM BOM TEXTO?

Pensar sobre a concepção do que é um bom texto para o imaginário escolar pode ser bastante eloquente. Não raras vezes, escutam-se dizeres, veiculados pela mídia e pelos próprios professores, de que os alunos não sabem mais escrever, seus textos são péssimos e que escrevem “tudo errado”. Ao escutar estes discursos, verdades aparentemente absolutas, é interessante refletir: Qual é a visão que têm os formuladores destes enunciados sobre o que é um bom texto?

Possenti (2002: 108) lembra que

Houve um tempo em que considerava – na escola – que alguém escrevia bem se escrevesse corretamente. A rigor, só havia a gramática como árbitro. O que ultrapassasse esta dimensão caía na mais abissal subjetividade, pois entrava na categoria do gosto.

Categorizar um texto como bom ou ruim levando em conta exclusivamente questões ortográfico-gramaticais é, pelo menos, um equívoco. Escrever com correção gramatical é infinitamente mais simples do que escrever com autoria: há regras claras para a colocação do acento indicativo de crase, mas não há regras disponíveis que façam com que o aluno coloque, no seu texto, marcas de intertextualidade com uma propaganda que se veicula naquele momento, ou com outro texto que tenha lido. E é exatamente no espaço do não-esperado que se instalam indícios de autoria.

Mostrar ao aluno que escrever é um exercício de responsabilidade é fundamental se o almejado é a constituição de autores. Ana Maria Netto Machado (2007: 178) afirma que *responsabilizar-se publicamente pelo escrito cometido é condição da autoria*. Quer dizer, quando se expõem ideias no papel, há um compromisso com o dito, compromisso este que só existe em textos que abrem mão da neutralidade e do mero repetir. Uma vez que o aluno percebe a força que a escrita tem, muda, aos poucos, sua forma de conceber o ato de escrever. E esta mudança nas concepções da escrita é pré-requisito para o surgimento de textos de qualidade.

Observando os textos escolares, é a partir de uma análise que prioriza também o conteúdo e não apenas a forma que se poderá perceber o surgimento de bons textos. Possenti (2002: 109) afirma que

(...) *um bom texto só pode ser avaliado em termos discursivos*. Isto quer dizer que a questão da qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade e de sua inserção num quadro histórico – ou seja, num discurso – que lhe dê sentido. O que se poderia interpretar assim: trata-se tanto de singularidade quanto de tomada de posição. (grifos do autor)

Corrigir textos é, portanto, ir muito além do circular ou tracejar de palavras *erradas*, que também deverá ser feito, certamente, mas não como único requisito para a adequação do texto à categoria de “bom texto”. Corrigir textos é uma tarefa de auxílio que o professor oferece ao seu aprendiz. Sua função é conduzi-lo pelos caminhos da autoria, mostrando-lhe como pode inserir-se mais no texto, em que momentos pode mostrar o seu lugar discursivo – o lugar de que fala, não só de quem repete. Se o professor não é o destinatário final, não cabe a ele um julgamento de valor apenas, é sua tarefa primordial a de motivá-lo a converter-se, a cada nova tentativa, em autor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997: 49) reforçam a seguinte ideia:

Compreendida como um complexo processo comunicativo e cognitivo, como atividade discursiva, a prática de produção de textos precisa realizar-se num espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve.

Neste sentido, um bom texto não é apenas aquele que conta uma boa história, mas que, antes de fazê-lo, analisa para quem o mesmo está sendo produzido, qual é a

sua função (para que), em que contextos de produção é feito, bem como o gênero que melhor traduz o que se quer dizer. Ou seja, adequar o texto ao contexto, ao destinatário e ao seu fim são processos que revelam a qualidade de um texto. Kátia Bräkling e Marisa Garcia (2011: 16), em um texto sobre a importância do ajuste do texto ao contexto de produção, afirmam que

(...) há muita coisa envolvida no processo de produção de textos. O ajuste do texto às especificidades do *contexto de produção* (para quem se escreve, para que se escreve, em que gênero se organiza o texto, em que portador será tornado público, em que lugar circulará, de que lugar social se escreve) é capacidade de escritor proficiente, indispensável à boa qualidade do texto.

Entretanto, estes movimentos de adequação não são inconscientes e não pertencem ao plano da inspiração. Eles devem ser ensinados, mostrados pelo professor que está interessado na autoria, que acredita que a mesma pode – e deve – ser ensinada.

2.3 INDÍCIOS DE AUTORIA

Internalizado o pressuposto de que a autoria pode ser ensinada, torna-se necessário estabelecer parâmetros de ensino e indícios de que os alunos efetivamente estão trilhando pelos caminhos da autoria. Sírio Possenti, em seu *Indícios de autoria*, lembra que o importante é dispor de parâmetros que possam auxiliar o professor em seu percurso de identificação de indícios que revelem autoria. Afirma que *A questão é como identificar a presença do autor – como encontrar autoria num texto, como distinguir textos com de textos sem autoria*. (POSSENTI, 2002: 110).

Na sequência, em resposta à própria proposta, Possenti (2002: 112 - 113) elenca alguns parâmetros de análise, entendendo que estes podem auxiliar o professor em sua tarefa de formação de autores. Sustenta que

(...) pode-se dizer provavelmente que alguém se torna autor quando assume (sabendo ou não) fundamentalmente duas atitudes: dar voz a outros enunciadores e manter a distância em relação ao próprio texto.

Do trecho acima, destacam-se dois indícios: a) dar voz a outros enunciados, incorporando-os ao texto e b) distanciar-se do escrito, fazendo com que o próprio autor

seja, também, leitor do seu texto. Tais indícios mostram uma postura madura daquele que escreve. Para fortalecer o seu argumento/tese, um bom autor apresenta outras possibilidades, muitas vezes contrárias à sua, para poder, após, mostrar o seu lugar. O processo de distanciamento é visível quando, por exemplo, o autor marca sua posição em relação ao que dizem e em relação a seus interlocutores; quando explicita o sentido do que dizem; e quando se volta para resumir, retomar, esclarecer o afirmado.

Os PCN (1997: 48) também tratam da questão do importante movimento de distanciamento que se espera de um bom autor. Defendem que

(...) um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção.

Saber mover-se entre a posição-autor e a posição-leitor é um forte indício de autoria. Note-se que estes indícios são da ordem do discurso, não da gramática ou da ortografia, o que reforça que, de fato, um bom texto é muito mais do que um texto *correto*. Ortografia, aspectos formais de cada gênero textual, elementos gramaticais (concordância, colocação pronominal, etc.) são importantíssimos, mas não definem se um texto apresenta autoria ou não.

Possenti (2002: 117) segue mostrando como estes indícios podem ser ensinados, desde que se assuma uma postura de valorização dos aspectos discursivos. Faz uma ressalva interessante, dizendo que, além de dar a voz ao outro, é preciso saber como dá-la. Em princípio, a regra, segundo ele, é “evitar a mesmice” – terceiro indício de autoria, para o autor. Nada de ficar apenas substituindo verbos *dicendi*. É preciso acrescentar outras vozes de forma sutil, sem avisar em demasia o leitor de que deve haver uma pausa para que sejam conhecidos outros pontos de vista.

Aliás, evitar a mesmice deveria ser um dos fortes embates entre professores e textos aparentemente bons. Texto neutro, que se reserva a reproduzir o que todos já sabem, não é um bom texto. O autor de um texto neutro não se compromete, não se responsabiliza pelo dito. Não é, conseqüentemente, autor, já que a autoria pressupõe responsabilidade. A mesmice é contrária à autoria, porque não apresenta sequer um

traço de subjetividade / personalidade. É possível fugir da mesmice? Depende. Depende de como são conduzidas as aulas. Se a proposta de escrita é sobre a legalização do aborto e o professor apresenta apenas pensamentos relativos ao senso comum, é difícilíssimo fugir da mesmice, porque, acima de qualquer coisa, vale o conhecimento que os alunos têm sobre o assunto. Agora, se em uma aula sobre a mesma temática, o professor busca trazer relatos fortes de jovens e adultas que praticaram o aborto, seus motivos e motivações, e propõe uma discussão que não seja pautada, necessariamente, por quesitos religiosos e morais, talvez as ideias expostas no texto final possam escapar da mesmice. Em outras palavras: evitar a mesmice é aprendido e ensinado. Cabe ao professor motivar a trabalhar, primeiro, o pensamento, a articulação dos argumentos, a relativização, o senso analítico, para, depois, motivá-los a, na escrita, expressar ideias realmente articuladas.

O trabalho acerca da autoria requer uma mudança radical na postura do professor. É preciso que este abandone a posição de “detetive”, aquele que lê o texto com a caneta na mão e, antes de fazer uma leitura global, começa a corrigir aspectos gramaticais e ortográficos. Esta postura não condiz com a identificação de indícios de autoria, pois o professor que tem esta atitude sequer analisa, de fato, a ideia, o argumento do texto, uma vez que se perde em meio às correções. É preciso ser detetive, sim, mas não investigativo de erros. É preciso, primeiramente, ler o texto, desprovido de caneta corretiva, com o intuito de identificar se o aluno soube dar voz a outros; se manteve a distância, quando necessária; se evitou repetir frases feitas e lugares-comuns. Enfim, é preciso ser detetive de indícios que mostrem se está havendo ou não um percurso que leve à construção de textos *de verdade*, de textos de qualidade.

Possenti (2002: 121) conclui seu referido texto dizendo que, em suma,

(...) há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente – o que poderia dar a entender que se trata de um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido.

Neste trecho, é preciso destacar pelo menos dois pontos. O primeiro diz respeito à personalidade, aspecto discutido no capítulo anterior. Em segundo lugar, esta

pessoalidade só se revela como autoria se o texto inscrever-se na história, porque, assim, fará sentido. Não é possível entender o processo de escrita desvinculado do real: ele existe pelo e para o real, pela e para a história. Orlandi (2007: 69) também relaciona autoria à história, defendendo que

A função de autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ela se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico.

E é nesta gama de “formulações formuláveis”, inscritas historicamente, que o verdadeiro autor busca suas asserções. Não é um repetir automático (exercício mnemônico), trata-se de uma busca na realidade, na história. Estes movimentos podem traduzir autoria, e ao professor cabe justamente estar atento aos mesmos, pois tais movimentos podem revelar os desejados indícios.

Costurando: segundo Possenti (2002), seriam três os indícios mais marcados de autoria: a) dar voz aos outros, b) manter distância e c) evitar a mesmice. Analisando-os, percebe-se que todos eles estão no terreno do *como* se diz, e não do *o que* se diz, exatamente porque a autoria está relacionada à forma de arranjar e rearranjar o pensamento, à maneira mais eficiente de explicitá-lo, ao trabalho de deslocamento entre a posição de autor e a posição de leitor do próprio texto para analisá-lo com distanciamento. Ao professor caberia, então, ensinar/mostrar/instigar o *como*: *como* dar voz aos outros; *como* manter a distância; *como* evitar a mesmice.

3. RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

3.1 O PRINCÍPIO

Findava o mês de julho: uma semana de suposto descanso das atividades escolares no Colégio Dom Feliciano. Fazia-se necessário pensar qual seria o projeto a ser trabalhado com meus alunos do quarto ano do Ensino Fundamental no mês de agosto. Aquela semana de “férias” seria de intenso trabalho, já que, além de definir a temática do projeto, aproximava-se o dia vinte e sete de agosto, dia em que eu e meus alunos teríamos que apresentar uma peça teatral aos seus familiares. E eu sequer sabia que peça fazer. Mais uma tarefa para aquelas tão sonhadas “férias”!

Eu contava com exatas três semanas para transformar-lhes em atores (com toda a expressão facial, corporal e oral que esta atividade requer), fazê-los memorizar pelo menos uma fala, trabalhar a desinibição, montar um cenário, enviar bilhetes aos pais solicitando fantasias. E trabalhar atividades significativas para o projeto que ainda não existia. E fazer cartão e presente para o dia dos pais. E – a cereja do bolo – concluir avaliações trimestrais, já que se aproximava o fim do segundo trimestre. Cenário perfeito para uma semana de *descanso*.

Foi em meio a este cenário de paz e tranquilidade das “férias” que eu tomei uma decisão (a mais acertada das decisões): unir a temática do projeto ao assunto da apresentação artística. Pouparia, com isso, trabalho e não enlouqueceria os alunos. Pesquisei, li, pensei e concluí que, se eu unisse estas duas esferas à paixão que tinha pela poesia, tudo ficaria mais leve e, quem sabe, eu poderia inclusive descansar um ou dois dias. Era uma solução perfeita, uma vez que eu já havia trabalhado com textos poéticos com as crianças e elas haviam adorado. Fizéramos, certa vez, um trabalho com a intertextualidade, no qual, após a leitura de várias poesias que “conversavam” entre si, elas criaram suas versões para poesias como “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, e “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

Meus pensamentos iluminaram-se tal paisagem ao amanhecer e, no alto da colina desta linda paisagem, surgiu a ideia de fazer uma adaptação da obra “A Caligrafia de

Dona Sofia”, de André Neves, que conta a história de uma velha professora que, aposentada, dedica-se a cultivar flores em seu jardim, a ler poesias e a registrar seus poemas ou versos preferidos nas paredes de sua casa. Certo dia, quando ela já não dispunha mais de espaço nas paredes para escrevê-los, resolveu criar lindos cartões poéticos e enviá-los aos moradores da cidade. Pouco a pouco, Dona Sofia vai transformando a vida das pessoas através de seus cartões, mostrando que a leitura e a poesia são poderosas. Além disso, decidi criar um projeto mensal sobre poesia, que foi posteriormente intitulado “A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia”.

Parti à procura do referido livro e detive-me à árdua tarefa de adaptar uma narrativa à dramaturgia, bem como à tarefa de criar trinta e seis personagens, já que a história original conta a história de duas personagens, mas minha turma é formada por trinta e oito alunos. Eis o meu trabalho de autoria.

No primeiro dia de retorno das férias, entreguei às crianças o roteiro da apresentação e elas apaixonaram-se pela história. Estavam especialmente felizes porque não precisariam se vestir de animais, como nos anos anteriores, em que a grande maioria das peças conta histórias de animais que ensinam algo aos adultos, como a importância da amizade ou da aceitação das diferenças. Para os alunos, a oportunidade de apresentarem-se usando roupas “normais”, chamada por eles de roupa de passeio, conferia-lhes um status de maturidade; um singelo anúncio de que chegava a hora de adolecer.

Iniciamos os ensaios, nossos companheiros por estas semanas. Embora estivéssemos envolvidíssimos com os afazeres do momento, não abri mão de seguir trabalhando com textos, com produção escrita e respectiva refacção. Não aceitei que a agitação daqueles dias interferisse na atividade mais importante do contexto escolar: a produção textual. Os textos continuavam sendo escritos em um momento especial, com ambiente preparado, onde imperava o silêncio ou, no máximo, o baixo tom de voz, onde as crianças podiam se sentir tranquilas e calmas, livres para criar. E foi neste ínterim, entre ensaios, avaliações e presentes aos pais, que vi desabrochar um grupo de autores. E digo *desabrochar* na certeza do *plantio*, na certeza de um trabalho de busca da identidade do autor, iniciado já no raiar do ano letivo. Na certeza do *adubar* a cada semana, a cada nova proposta de produção textual. Na certeza de um trabalho que nunca buscou a escrita como fim, mas sim como meio para que o sujeito tivesse voz; um

trabalho que visava a escritura de textos para alguém, para um interlocutor, que não deveria ser necessariamente o professor.

O relato da experiência de autoria que segue não poderia ser contado sem que, antes, todo este pano de fundo fosse elucidado. Este relato é fruto deste contexto.

3.2A PRÁTICA

Passadas duas semanas desde o princípio dos ensaios e dado o envolvimento dos alunos com a maravilhosa ideia da professora aposentada, decidi propor que escrevessem uma carta à Dona Sofia, cujo objetivo seria contar-lhe qual havia sido a experiência de leitura que cada um teve ao conhecer sua história, através da leitura do livro. A produção textual foi proposta da seguinte maneira:

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história “A caligrafia de Dona Sofia”, de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto “A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia”, no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Motivados pelo contexto que estavam vivendo, escreveram suas cartas, que foram, após, enviadas ao “pai de Dona Sofia” – como os próprios alunos o chamaram, o autor André Neves. Nelas, as crianças registraram ideias de verdadeiros autores, demonstrando autoria, e não cópia, colagem de outros textos ou frases feitas e esperadas, como se encontram textos escolares muitas vezes. Não. Muitos resolveram escrever poesias de autoria própria para enviar à Dona Sofia, porque achavam que, já que a professora havia mudado comportamento uma cidade inteira através de suas palavras, merecia receber poesias dedicadas a ela. Todos os textos estão anexados ao final deste trabalho.

O clima que pairava sobre a sala de aula era diferente. Um silêncio ensurdecedor, quebrado, algumas vezes, por ruídos causados por dedos que se levantavam para

chamar-me até a classe e perguntar algo. Cerca de uma hora de envolvimento total com o ato de escrever e percebo que alguns, como costumeiro, começaram a intercambiar seus textos, com o objetivo de ler a produção do colega e sugerir algo, quando necessário. Silêncio quebrado por suaves passos, sons de folhas e pequenas risadinhas de satisfação ao ler algum trecho engraçado ou interessante do que o companheiro escrevera.

Percebo, então, que a grande maioria da turma já havia concluído a escritura e, por esta razão, demos início à leitura oral, sempre o momento mais aguardado pelas crianças; momento em que se sentem importantes por poderem receber tantos olhares e, obviamente, por serem ovacionados com palmas ao final. À medida que liam, a emoção tomava conta de mim – era impossível não se emocionar com tamanha sensibilidade poética. Além de os textos estarem verdadeiramente belos e profundos, a maneira como liam era surpreendente. Crianças que, no começo do ano, revestiam-se de um vermelho-tomate quando tinham algum trecho ler aos colegas agora liam com destreza e eram capazes de modificar o padrão entoacional toda vez que seus textos assim o pediam. A constatação do amadurecimento emocional de muitos alunos recompensou o trabalho destes meses, inclusive o das “férias”.

Algo importante a ser dito: a adesão a estes momentos de leitura oral nem sempre foi em quantidade tão significativa. Nas primeiras propostas, pouquíssimos alunos entregavam-se e expunham-se. Pareciam sentir vergonha, medo da reprovação. O respeito aos leitores foi sendo construído passo a passo, e o número de candidatos à leitura foi crescendo na mesma proporção. Hoje, muitas vezes, tenho que fazer este momento dividido em duas partes, para que todos possam ler, devido à adesão quase massiva. Tampouco os momentos de produção textual eram esperados com a mesma curiosidade e emoção como o são hoje. Este foi outro processo de conquista de escritores, de autores por excelência; caminhada sem pressa, passos firmes e lentos rumo à autoria.

3.3 OS TEXTOS¹

¹ Alguns dos textos serão analisados mais com maior detenção, não todos. Entretanto, todos estão anexados ao final. Para as funções que cumpre esta monografia, não há possibilidade de uma análise integral das produções, mas tal análise será pensada para que prossiga em outra instância de produção acadêmica.

O primeiro aluno a pedir para ler foi o Pedro, que, durante a escritura, para minha surpresa, perguntou-me se poderia escrever toda a carta como se fosse uma poesia. Obteve resposta afirmativa - a liberdade no ato de escrever deve ser um dos princípios para os textos escolares iniciais. Ele escreveu sua história no gênero escolhido, uma poesia composta por oito estrofes e quarenta versos, nos quais narra o processo de escolha dos atores que representariam cada personagem na peça teatral, elucidando que havia colegas que não estavam em aula no dia da escolha, bem como os sorteios que foram feitos para decidir quem seriam os atores que representariam as personagens mais *concorridas*.

Quando voltei das férias de julho,
Minha prô falou sobre a peça teatral
Então eu achei isso
Muito legal.

(...)
Mas quando teve o papel da filha cantora
A Ana gritou
A Gabriella adorou
E a Ana ganhou o sorteio

Então a música era
do Luan Santana
Que alguns guris achavam que ele era
O Luan Banana

Então o Bernardo não estava,
O Wallace também não
Do Luciano nem se falava,
Mas quando chegaram tiveram um problemão.

Os colegas Bernardo, Wallace e Luciano eram os que haviam faltado à aula no dia da entrega dos roteiros. O mais interessante, porém, é de que se trata o “problemão” descrito pelo aluno. Este é um dos trechos de maior autoria do aluno. Ele traz, na sequência, os seguintes versos:

Eles tinham uma dúvida
Que era difícil de responder
O que você quer ser
Quando crescer?

Aparentemente, estes versos não dizem muito ou parecem estar deslocados no texto, mas o conhecimento do nosso contexto de sala de aula revela sua origem. No último dia

de aula que antecedeu as férias – dia em que estes três alunos também não estavam em aula devido a uma viagem, havíamos trabalhado com o texto “O que eu vou ser...”, de Sônia Rinaldi, no qual a pergunta central é exatamente esta: *O que eu vou ser quando crescer?* Neste trecho da poesia, o aluno traz elementos de outros textos, mostrando maturidade criativa e capacidade para estabelecer uma intertextualidade coerente. Os alunos que escutavam o texto de Pedro, no momento de sua leitura, deram-se conta da conversa estabelecida com o texto de Rinaldi e expressaram isso, dizendo “Que legal o que ele fez!”, “Que boa ideia!”, entre outras falas.

Após, o aluno faz ainda um jogo de adivinha, muito sonoro, para que a Dona Sofia descobrisse quem seria a atriz que a representaria em nossa peça teatral, criando um novo final para esta personagem e revelando, com isso, elementos de uma recente visita que fizemos aos pontos turísticos da cidade, dentre eles a Igreja Matriz.

Você terá que descobrir
 Quem a Bia será
 Você saberá quem é
 A Bia, ela é
 A Dona Sofia!

Então ela ficou tão feliz
 Que virou atriz
 E foi comemorar no altar
 Da Igreja Matriz.

Este texto demonstra que houve um trabalho de intensa construção autoral, livre de lugares-comuns, livre em sua forma, livre em suas relações. Ainda, mostra que houve maturidade criativa, que levou o aluno a ousar, a propor-se o desafio de escrever em um gênero textual cuja dificuldade é maior. A busca da escola deve ser, a meu ver, constante e forte em favor da fuga do que é esperado, da fuga de textos escritos com um único fim: o de entregá-los à professora para obter notas, que geralmente estão relacionadas apenas à correção ortográfica.

Arthur também foi um dos alunos que estabeleceu relações com outros textos, inclusive de tradição oral, para a criação de sua história. Ele começa formulando inúmeras perguntas à destinatária da carta e, depois, também cria uma poesia a ela.

(...) Posso fazer umas perguntas?

Por que você gosta tanto de poesias? Se você gostava de ser professora, por que se aposentou? Você gosta de cachorros? Se você gosta, que raça você prefere? Tirando as poesias, que tipo de leitura você gosta mais? Se você gosta de crônicas, você acha que gostaria do filme “As crônicas de Nânia”? Já fiz tantas perguntas, vou lhe mostrar a poesia que fiz:

Dona Sofia – Arthur Santos
 Batatinha quando nasce
 Se esparrama pelo chão²
 Dona Sofia e suas poesias
 Iluminam o coração.

E até eu que nem dava bola para as poesias estou até fazendo umas.
 Obrigado Dona Sofia por iluminar meu coração com suas belas poesias! Sou muito grato. (...)

O que mais chama atenção no texto de Arthur é o trecho em que ele expõe a sua atual proximidade com o texto poético, de tal modo que se converte de um não-leitor (*até eu que nem dava bola para poesias...*) a um leitor-autor (*...estou até fazendo umas.*). É este o resultado de um trabalho de dessacralização do ato de escrever, da figura do poeta como um ser superior e sagrado. O processo autoral passa justamente pela desmistificação da escrita como algo reservado a poucos escolhidos. A escritura é para todos, não apenas para aqueles que estão enclausurados na Torre de Marfim, envolvidos em uma introspecção sem fim. O processo de autoria não requer desvinculação do real, não requer aura especial, não requer dom inato ao contrário. A autoria é para todos aqueles que se sentirem convidados a escrever com propriedade.

Interessante a percepção madura – para uma criança de nove anos – de que a poesia ilumina o coração e a sensação de gratidão por haver descoberto um mundo novo de possibilidades poéticas – como leitor e como autor. Isto é de uma beleza inenarrável!

Mariana, autora do texto que segue, foi uma das alunas que se *descobriu poetisa*, segundo relatos de sua mãe, também professora de língua portuguesa. A menina pediu uma caderneta de presente e, desde então, deixa-a no criado-mudo, alegando se sentir mais inspirada à noite. A menina está criando um livro, já tem definido inclusive o título: “Poesia dos sonhos”, que, segundo ela, contará com textos escritos por ela durante a noite. Ultimamente, após trabalharmos algum conteúdo novo, ela cria poesias sobre tais conteúdos (até com a tabuada já criou!) e traz para os colegas no dia seguinte, que

² Manteve-se a forma como o texto foi escrito pelo aluno. Após, apresentei às crianças o verso “Espalha ramas pelo chão”, levei a imagem de um pé de batatas e conversamos sobre as variações que os textos de tradição oral vão sofrendo com o tempo.

adoram. O que chama a atenção em seu texto é, de fato, a poesia dedicada à Dona Sofia, que destaca a descoberta da escrita como algo maravilhoso, a partir do que aconteceu com Seu Ananias, o carteiro da história. Também, a relação intertextual do início de sua poesia com “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, texto trabalhado em sala de aula.

Ó que saudades que tenho
Da velha dona Sofia
Que tanta gente ensinou
Com sua bela caligrafia
Nas paredes da casa
Escrevia poesias
E quem diria
Que seu Ananias se inspiraria
E um poeta viraria.

Na poesia de Mariana há pelo menos um ponto que revela trabalho autoral: as inversões sintáticas, inversões na ordem canônica da oração, que são bastante complexas para crianças de sua faixa etária. Tais alterações podem ser percebidas nos versos três e nove, mostrando que a criança tem noção da importância das mesmas para a obtenção de um texto mais sonoro, e ela o faz em sua criação através da presença de rimas. Adequado sinalizar: embora seja sabido que a sonoridade no texto poético possa ser conquistada a partir de outros recursos, que não a rima, esta concepção não é alcançável para uma criança de nove anos. Por isso, o recurso mais utilizado em todas as suas construções é a rima, já que seu contato com textos do gênero é sempre mediado por este recurso. Basta observar textos como cantigas, parlendas, adivinhas, entre outros, para constatar o intenso uso de tal recurso.

O aluno Igor, após questionar Dona Sofia sobre suas preferências literárias, também resolve mostrar suas habilidades como poeta, criando um texto em que estabelece uma forte intertextualidade com um verso de Machado de Assis – *para as rosas, escreveu alguém, o jardineiro é eterno* - que, da mesma maneira, foi estudado em aula.

(...)
Eu gostaria muito de saber quais são suas poesias preferidas e seus autores, autoras e poetas favoritos. O meu autor favorito é Monteiro Lobato, a autora é a Ruth Rocha e o poeta é o Machado de Assis.
(...)
Bom, vou lhe escrever uma poesia:

Eternidade

Para Dona Sofia, escreveu alguém, as poesias não eternas.

Curiosas as preferências literárias do aluno, em um primeiro olhar. Não por ter citado Monteiro Lobato ou Ruth Rocha, autores com os quais se trabalha mais enfaticamente nas séries iniciais, mas pela opção feita para poeta preferido. Machado de Assis, seu poeta favorito. O que sabe uma criança de nove anos sobre autor de tal magnitude? O que sabe o aluno sobre o tipo textual com o qual o autor compõe? Machado, poeta? A escolha do aluno causa certo desconforto, inicialmente. Entretanto, é preciso destacar que Igor não conhece Machado contista ou romancista; apenas o conhece através de um pequeno verso, uma pequena frase poética. Para ele, portanto, Machado é poeta. E é seu favorito. Parece ser esta uma escolha direcionada pelo momento, mas vejo que, se o aluno fez esta opção dentre tantos nomes novos que conhecera, é porque algo o tocou; algo o retirou de seu lugar e fez com que percebesse a profundidade das poucas palavras do autor. Igor, certamente, *sentirá* Machado de Assis de uma maneira especial quando iniciar sua caminhada mais particular pelo universo machadiano. O processo de autoria também pressupõe um processo de pertencimento literário, um processo de leitura. Estaremos permitindo que se constituam autores *mais autores* – no sentido de autor como aquele que cria o seu universo de escrita – a partir do momento em que possibilitemos o surgimento de bons *leitores precoces*. Leitor de textos, leitor da própria vida, leitor do mundo.

O texto de Manuela guarda uma surpresa instigante: a aluna demonstra, através de suas palavras, certeza do poder da literatura, do poder da poesia.

(...) Queria muito que viesse à nossa peça teatral. O seu pai vai tentar vir, se ele vier, pede para ele!³
Eu queria muito te perguntar se você não podia mandar versos para os moradores de Gravataí, as pessoas aqui, pelo menos a maioria vive triste ou estressada por causa do trabalho.

A percepção de uma criança sobre o estilo de vida das pessoas que a cercam, pessoas *tristes e estressadas por causa do trabalho*, é incrível. Mesmo assim, Manuela tem esperança. Ela crê no poder dos versos que a personagem envia. A transposição do

³ A aluna faz referência ao convite feito a André Neves para que assista a nossa apresentação. André é pai de Dona Sofia, para ela, uma vez que foi o autor do texto que materializou a figura da personagem.

literário - teoricamente fantasioso - ao real é, muitas vezes, rotulada como impossível. Mas não o é para a autora do texto, que percebe uma possibilidade de mudança de comportamento advinda da literatura.

Lorenzo segue na mesma linha perceptiva de Manuela: a crença no poder que as obras literárias têm.

(...) Devo dizer que não sabia que os livros e as poesias tinham tanta força, mas têm. Sabe, ao ensaiar esta peça, conheci vários autores e conhecendo eles conheci suas poesias. Assim, estou me tornando uma pessoa mais culta.

Além de perceber livros como poderosos, o aluno revela estar se tornando uma pessoa mais culta, que também demonstra um poder do texto literário sobre a vida. Este aluno, em especial, apresentava, no início do ano, um grande afastamento da escrita, uma repulsão ao ato de escrever. Relatava não gostar de escrever, não ter ideias para suas histórias. Por isso, vê-lo escrever com alegria, defendendo que os livros são poderosos, é uma grande vitória. Lorenzo era *não-leitor e não-autor*. Hoje, é *leitor-autor*. Passe de mágica? Não. Poder da literatura (e trabalho, obviamente).

Verdadeiro passe de mágica foi o que a aluna Marina propunha em seu texto.

(...) Se eu pudesse falar abracadabra e o mundo poderia ficar melhor, eu faria isto! Mas eu disse abracadabra e apareceu uma senhora, e a senhora era você, Dona Sofia! Você! A senhora que melhorou a cidade!

A habilidade de trazer elementos de outros mundos imaginários, de outros gêneros textuais, demonstra autoria. Dizer o mesmo de outra maneira: eis a busca do autor. Seria mais esperado que a aluna, tal qual fizeram outros colegas, dissesse à personagem que acredita em sua força para mudar a cidade, mas a aluna inovou: mesclou elementos e criou um trecho verdadeiramente autoral. Esta habilidade não é inata: é, sim, construída. Construída a partir de uma postura de trabalho que valorize a livre expressão criativa, a partir de um trabalho de docência em língua portuguesa que realmente considere o texto como o ponto de partida e de chegada, como protagonista do processo de ensino-aprendizagem. Apesar de não ser este o objetivo do presente trabalho, cabe ressaltar que textos que revelam alunos autores surgem de uma postura de trabalho assumida pelo

professor: a postura de que tudo o que for trabalhado em aula, sejam questões gramaticais, ortográficas ou outras, só tem sentido se estiver a serviço do texto. Quer dizer, é válido trabalhar quaisquer componentes da gramática desde que se tenha muito claro que o local de realização destes elementos é o texto, este começo-fim de nossa aula obrigatoriamente *tautológica*.

As alunas Giullya e Isadora vão além: querem inserir-se no projeto de Dona Sofia, auxiliando-a a mudar a cidade.

(...) fiquei encantada com a sua história e com o seu jeito de mudar a cidade! Eu acho que você e seus cartões poéticos encheram de poesia o coração de todos, sua ideia é magnífica! Você é magnífica! E acho que quero ajudar a senhora a fazer um mundo melhor. Quer mudar a nossa cidade? – Giullya

(...) Sabe, Dona Sofia, gostei muito de sua atitude, e como eu adoro escrever e fazia caligrafia, gostaria de lhe ajudar a escrever as poesias. Você aceita a minha ajuda? – Isadora

Os excertos acima revelam algo importante: o envolvimento com a temática da produção. Quer dizer, não basta, para as alunas, elogiar ou opinar, é preciso ajudá-la; é preciso sair da posição de expectador, transformando-se em agente também de transformação, tal qual fora Dona Sofia. Esta postura de envolvimento demonstra maturidade leitora e autoral: autor poderia ser definido, neste contexto, como alguém que *sente* o que escreve (ou, pelo menos, como nos alerta Pessoa, finge senti-lo). Alguém que se envolve de tal forma com sua produção escrita que a entende como parte de seu eu, contemplando-a tal criador à criatura.

O aluno Ricardo, autor do texto seguinte, ensina-nos muito sobre o processo de autoria com apenas uma frase, a que encerra o seu texto:

(...) Eu vou te mostrar uma poesia que eu fiz.
 Dona Sofia
 Olá, Dona Sofia,
 como vai seu dia-a-dia,
 tudo na poesia?
 E o Seu Ananias então,
 manda cartas pra você,
 a Dona Sofia?
 Eu quando leio as suas
 poesias

sempre choro de emoção. É, ainda não está que nem as suas poesias, mas um dia vou chegar lá.
Com carinho, Ricardo.

A simplicidade da última frase esconde um teor de consciência impressionante. O aluno mostra conhecer “as regras do jogo”: ser autor exige persistência, prática e um eterno investimento no ato de escrever. A afirmativa revela uma aposta: escrever não é algo destinado aos escolhidos, e sim àqueles que permanecerem exercitando a escrita. A mesma frase também exalta ares de liberdade, porque o aluno não se sente diminuído por não conseguir compor um texto à altura daqueles com os quais manteve contato, ele é livre para ousar, treinar, ensaiar. Não há punição. Tudo é resultado de um processo criativo. Tudo faz parte dos *caminhos da autoria*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao final deste trilhar pelos caminhos da autoria. A sensação é de incompletude. Entretanto, para que se possa decretar o fim do texto, pontuando-o e concluindo-o, é preciso que se tenha, pelo menos, a ilusão da completude. Muito embora esta ilusão não seja convincente, é chegado o momento de concluir.

A proposta inicial era que se caminhasse pelas trilhas da autoria, em busca de rastros que revelassem indícios de qual posição tomar em uma prática pedagógica que objetivasse a formação de sujeitos-autores. Isto foi feito. Iniciou-se pelo lançar de olhos sobre as concepções de autoria. Viu-se que uma única corrente ou teoria não é capaz (pelo menos não para este nível de produção acadêmica) de abarcar todos os matizes analíticos e, por esta razão, optou-se pela heterogeneidade de correntes.

Na sequência, buscou-se aproximar as concepções estudadas no primeiro capítulo ao ensino. Este foi o momento de iluminar a docência com a teoria. Aos docentes ofereceram-se alguns indícios que podem auxiliar-lhes a desenvolver a competência de escrever *de verdade* em seus alunos. Destacou-se que apenas uma proposta pedagógica que considere a escritura como o ápice do processo de aprendizagem poderá possibilitar o desabrochar de autores. Em outras palavras: é preciso que o professor *acredite* que autoria se ensina para que possa ensiná-la; é preciso que *acredite* que os alunos podem escrever melhor para que possa motivá-los; é preciso que *acredite* que escrever é comprometer-se com a escrita para que possa se comprometer e defender sua aposta de ensino. *Acreditar* e *ensinar* são duas palavras que, necessariamente, caminham juntas na educação.

Por fim, relatou-se uma experiência de sala de aula, porque não existe teoria se esta não estiver intimamente relacionada à prática, tampouco prática que não esteja obrigatoriamente iluminada por pressupostos teóricos. Neste capítulo, buscou-se mostrar que a autoria se ensina e que tal postura pedagógica deve ser assumida por todos os professores, desde os de séries iniciais até os de ensino superior. Pretendeu-se defender que a autoria só é alcançada a partir de uma postura de trabalho que valorize a livre expressão criativa, a partir de um trabalho de docência que realmente considere o texto como elemento central e “justificador” das aulas de língua portuguesa. Em outras

palavras, é pelo texto, pela prática de escrita e de leitura que liberta e que ensina a expressão que se justifica a vinda do aluno à escola, e não pela aprendizagem da classificação das orações subordinadas e coordenadas. Quando um professor mostra ao aluno o lugar-meta em que ele poderá chegar caso siga *trilhando os caminhos da autoria*, ele está possibilitando a formação de sujeitos-autores. Quem consegue dar voz a um texto consegue dar voz às suas ideias e aos seus projetos. Dar voz é dar ferramentas, ferramentas para a vida, que exige seres que se posicionem, que defendam seus pensamentos, que proponham o novo, que ousem, que *escrevam* e *reescrevam*, sem medo de usar a ferramenta borracha, porque sabem que, a cada nova tentativa, têm a chance de fazer melhor, de aproximar-se ao fim da trilha (que é um eterno recomeçar); porque sabem que não há punição pelo erro, mas apoio e força para a tentativa e para a aposta.

Vislumbrado o final da trilha, o que resta é defender uma ideia: a de que cabe aos professores a desmistificação da noção de bom texto que usa como único parâmetro constitutivo a imitação dos clássicos. A escrita é para todos e, embora seja importantíssimo que se estudem bons modelos de cada gênero textual, é fundamental que os alunos tenham a liberdade de reler os gêneros de forma singular, pois o estilo a ser buscado pode ser um estilo pessoal. E a singularidade também precisa ser ensinada: assim como ninguém nasce autor, também não nasce sabendo fazer diferente, não nasce com um estilo próprio, com capacidade para utilizar ferramentas do clássico e propor novos olhares. Quem possibilita este “dar-se a volta” para perceber novos ângulos de visão é o professor. Ser professor é propor o diferente, é não se categorizar um escrito como um bom texto apenas a partir da observação de parâmetros ortográfico-gramaticais, pois estes não se relacionam, necessariamente, à qualidade das ideias. A educação precisa de agentes que queiram fazer o diferente e que não se acomodem no lugar das respostas prontas, ambiente tranquilo e cheio de obviedades. Se autor é aquele que se compromete com o dito, professor é aquele que se compromete com o ensino de verdade.

Ensino de autoria requer investimento e crença. Investimento no ensino e crença na aprendizagem; investimento na proposta e crença no retorno; investimento no plantio e crença na colheita – embora, muitas vezes, aquele que colhe não seja o mesmo que plantou. Não importa. A educação é atividade de preparo do solo, de adubo e de plantio.

Quando o desenvolvimento destas ações é feito com ênfase, a vida - ou o próprio aluno - trata de colher.

Iluminar o final deste percurso com Drummond é privilégio obrigatório: *As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase*. Educação é atividade para pessoas com ênfase.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A flor e a náusea**. In: *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ARAÚJO, Anne Francialy da Costa. **Autor(ia), subjetividade e estilo**. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

ASSOLINI, Filomena Elaine. **Discurso pedagógico escolar: condições de produção, interpretação e a emergência da autoria**. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BARTHES, Roland; BUTOR, Michel; DANIEL, Jean; LACOUTURE, Jean; SOLLERS, Philippe. *Escrever... para quê? Para quem?* Lisboa: Edições 70, 1974.

BENVENISTE, Émile. *Da subjetividade na linguagem. Problemas de Lingüística Geral*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BRÄKLING, Kátia; GARCIA, Marisa. **O ajuste do texto ao contexto de produção: um conteúdo esquecido?** In: *Revista Educação*. São Paulo: Editora Segmento, 2011.

CALLIL, Eduardo. *Trilhas da escrita – Autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Londrina: Eduel, 2009.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. *A Escrita enunciativa e os rastros de singularidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (TESE DE DOUTORADO)

FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* Lisboa: Veja, 1971.

FLORES, Valdir. **Enunciação, singularidade e autoria**. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

FIAD, Raquel Salek. **Ensino e autoria**. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Do modelo ao estilo: possibilidades de autoria em contextos acadêmico-científicos**. In: CALLIL, Eduardo. *Trilhas da escrita – Autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.

NEGRI, Lígia; GREGOLIN, Reny. **Subjetividade e autoria**. *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 59, p. 261-278, jan./jun. 2003.

NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Pontes Editora, 2007.

_____. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez/UNICAMP, 1988.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **As posições de autor e leitor no jogo discursivo**. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Enunciação, autoria e estilo**. *Revista da Faeeba*, Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia – Uneb, v.10, n.15, jun./jul. 2001.

_____. **Indícios de autoria**. *Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação*. Florianópolis: Editora UFSC, 20 (1), p. 105 – 124, 2002.

_____. **Ensinar estilo?** *Caleidoscópio*. São Leopoldo: Editora Unisinos, v. 5, n. 1, p. 19 – 23, jan./abr. 2007.

ANEXOS

1. Textos produzidos pelos alunos.

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia,

Quando voltei das férias de julho

Minha mãe falou, sobre a peça teatral

Então eu achei isso

Muito legal.

Então eu fui escolhido

para a família 4

Mas uma coisa muito aconteceu

Estava tudo muito calado

Mas quando teve a papel de filha cantora

A Ana gritou

A Gabriella adorou

E a Ana ganhou o roteiro.

Então a música era de
Suam Santa

Que alguns quisiam achariam

Que ele era Suam Barona

Então o Bernardo, não estava

O Wallace também não

Os Luciano nem se falavam

Mas quando chegaram tiveram um problema

Eles tinham uma dúvida

Que era difícil de responder

O que você quer ser

Quando crescer?

O Bernardo era pai

O Luciano irmão

O Wallace também

E o Bicalquim

Você terá que descobrir

Quem a Bia será

Quê saberá quem é

A Bia ela é

A Dona Sofia

Então ela ficou feliz

que nasceu citriz

Então foi agradecer na altar da Igreja Matriz.

colégio
Dom Feliciano

COLÉGIO DOM FELICIANO - GRAVATAÍ
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - 4ª SÉRIE
PROFESSORA: CARLA CARDOSO-FONSECA DATA: 17/08/2011
NOME DO(A) ALUNO(A): Arthur Santos Silva TURMA: 42

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Olá Dona Sofia!

Nossa eu fiquei admirada, de onde você tira tanta inspiração?

Porque faz as suas perguntas?

Porque você gosta tanto de poesia? Se você gostava de ser professora, porque se aposentou? Você gosta de cachorros? Que hora você prefere? Tirando poesias que tipo de leitura você prefere? Se você gosta de cinema, você acha que você gostaria do filme "As crônicas de Narnia"?

Já fiz as perguntas, você gostaria de saber que fiz:

Dona Sofia - Arthur Santos

Batatinha quando nasce

se espantava pela chã

Dona Sofia e seus poesias

ilumina a colação

É até eu que nem dava bela para as coisas
estou fazendo umar.

~ Obrigado Dona Sofia por iluminar meu
caminho com suas palavras. Sou muito grato.

Com carinho

Arthur

17/08/2011

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida dona Sofia
Dona Sofia, no dia três de agosto de 2011 a
profe Carla nos entregou uma adaptação da histó-
ria "A Caligrafia de Dona Sofia" (Escrita por
André Neves).

Sabe dona Sofia, estive pensando: a senhora é
tão legal que eu acho que deveria receber uma poesia
dedicada a senhora, o que acha?

Bom mesmo não sabendo sua resposta eu vou
escrever:

Ensina-me com sua caligrafia

O, que saudades que tenho

Da velha dona Sofia

Que um dia tanto gente ensinou

Com sua bela caligrafia

Nas paredes da casa

Encenaria poesia

E quem diria

Que seu amorias se inspiraria

E um poeta viraria

Quem a interpreta na apresentação artística e a
minha colega nata dez Bia

No dia quinze, o nosso tema foi pedir para os
pais escreverem uma poesia, mas antes mais é que
escrevermos

Quando fomos aprender intertextualidade usamos
como argumento poesias

E espero que tenha gostado da carta

De: Mariana Fonseca
Para: Dona Sofia

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia

Olé, meu é Sggr. Há quinze dias, quando eu voltei das férias, nossa professora chamada Carla nos entregou o roteiro com a adaptação de sua história "A Caligrafia de Dona Sofia" a uma peça teatral. Até agora os ensaios estão indo muito bem. Nos quatro primeiros ensaios o gente só ficou na sala decorando as falas e, depois, nós começamos a ir ensaiar no auditório do nosso colégio apelidado de Donfo.

Eu gostaria muito de saber quais são suas poesias preferidas e seus autores, autoras e poetas favoritos. O meu autor favorito é o Monteiro Lobato e a autora é a Ruth Rocha e poeta é a Machado de Assis. Na nossa rotina a que eu mais gostei foi quando eu e minha família chutamos a bola num cantinho e destruímos as regras da vida.

Pois bem eu tenho umas perguntinhas para a Senhora:
 Quantos anos você tem? Quais são seus sobrenomes? De

que família você querida? Onde você mora? Quem é seu melhor amigo ou amiga? Bem eu vou lhe escrever uma poesia:

Eternidade

Para Dona Sofia, escreveu alguém,
As poesias são eternas.

Beijos Tchê!

17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia

Olá, Dona Sofia tudo bem?

No retorno das férias, a professora Carla fala que a nossa peça teatral irá ser: "A Caligrafia de Dona Sofia" e eu fiquei muito animada!

Oba que ela deu todo aquele lábi lábi. A atriz Beatriz vai representar a Dona Sofia e o ator Henrique vai ser o Seu Américo.

Eu vou ser a narradora, e vai ser bom! É ótimo que tem mais moradores, a Paula, Luana e a Mariana. São mais famílias ligadas!

Queria muito que fosse a nossa peça! O meu pai vai tirar um dia, se ele não pode por ela!

Eu queria te perguntar se você não podia mandar um selo para os moradores de Gravataí, as pessoas aqui, pelo menos

a maioria vive triste ou estressada por causa do trabalho
 com agendamento.

Dona Sofia

está com muita alegria

e uma ótima calígrafa!

Ei que mergulha em livros e transcreve!

Porá ajudou Seu Ananias

a ter uma ótima calígrafa!

Eu, Queris

conhecer a senhora e viver sua alegria!

Eu nunca imaginaria

que Deus Ananias

encaminharia pessoas para a Dona Sofia.

Com carinho, Manoela Pires.

Dona Sofia a senhora é muito bonita

Seu pensamento e luta

para o bem!

Deus parabéns!

Pela sua bondade

que sempre vive pela igualdade

Com carinho, Manoela

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Prezada Dona Sofia

Quando chegamos de férias, recebemos esta peça teatral. Não sabia que os lírios e poesias tinham força, mas têm. Sabe, ao ensaiar esta peça, também conheci vários poetas novos e conhecendo eles conheci suas poesias. Assim, estou me tornando uma pessoa mais culta. Mas de todas as poesias a que eu gostei foi Casimiro de Abreu e sua poesia "Meus Oito Anos" e era assim:

O que saudade que tenho
 Da aurora da minha
 E vida
 Da minha infância que
 E vida
 Que os anos não trazem
 E mais
 Que amor, que sonhos, que
 E flores
 Nasquelas tardes faqueiras
 A sombra das bananeiras
 Debaixo dos laranjeiros
 Bom, por fim, tenho uma
 perguntinha:
 - Qual é o segredo para
 escrever tão bonito?

CORREIO!

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Prezada Dona Sofia!

Eu adorei te conhecer. Nesses últimos dias eu andei pensando:

Se eu pudesse falar o bricolábica e o mundo poderia ficar melhor, eu faria isto! Mas eu disse o bricolábica e apareceu uma senhora, e a senhora era você? Dona Sofia! Você! A senhora que mudou a cidade!"

Então, quando eu estive na sala de aula minha professora chegou e disse:

- Já sei de que vai ser a nossa apresentação artística! Vai ser "A caligrafia de Dona Sofia".

Eu fiquei surpresidada com isso, porque a obra é uma coisa que tem que ter cuidado quando estiver no não não já sei? Não?

Na apresentação vou ser o bria, e é eu que

começo a peça teatral. Na aula eu só
 fico pensando na apresentação. Vai ter várias
 poesias na apresentação.
 Vou apresentar uma para você!

A saudade da verdade

Eu galinha não para mentir
 e sim para a verdade
 Mas não era fácil mentir na
 minha cidade.
 Nem trazer todo mundo da cidade.

Com carinho,

Marina Oliveira de
 Paula.

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Quando chegou o fim das férias, fiquei encantada com a sua história e adorei o seu jeito de ajudar a cidade! É acho que, com você e seus contos encheu de poesia o coração de todos, sua ideia é magnífica! Você é magnífica! É acho que quero ajudar a senhora a fazer um mundo melhor! Quer mudar a nossa cidade? Todos vão adorar recebê-la aqui com amor e carinho! Você também pode ser na nossa peça ou até participar dela! Você será uma ótima atriz! Gostou da ideia que eu tirei? Você também pode nos ajudar a preservar a natureza!!! Ou até pode morar aqui, nos ajudar a fazer um livro, pode ser de poesia ou até de romance! Ou de suspense! Ou crônicas, ou tudo misturado! São muitas histórias! De for poesias pode ser assim:

Bons Amigos - Giulija de Jesus

Aberçados os que possuem amigos,

Os que os tem sem pedir,

Porque amigos não se pedem,

Não se compra,

num se prende,
Amigo agente conquista,
Mas não qualquer-amigo,
Amigo que está sempre do nosso lado,
Amigo de verdade,
Amigo verdadeiro!

O que você faz para ter uma letra tão bonita?
Espero resposta
Com carinho, Cyndya de Jesus Lima.

17/8/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

Logo que voltei das férias recebi uma grande novidade! A professora Carla falou que a nossa turma iria apresentar a adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves.

Como você é a Dona Sofia, queria lhe fazer algumas perguntas: Aonde a senhora mora? Qual é sua poesia favorita? Qual é o seu melhor amigo?

Dona Sofia, gostei muito da sua atitude, e como eu adoro escrever e fazer caligrafia, gostaria de lhe ajudar a escrever as poesias! Você aceita a minha ajuda?

Dona Sofia, queria lhe pedir uma coisa: a senhora tem uma letra muito linda, e queria que você fizesse um livro apenas com as poesias que a senhora inventa! Eu ficaria lendo todo os dias!

Gosto muito da senhora e gostaria de lhe conhecer!

Fiz esta poesia especialmente para a senhora!

vida de Dona Dofia

Dona Dofia

Tem uma linda caligrafia

Cuida de suas flores

Com todo os seus amores

Ea professora

Mas se aposentou

Agora é personagem de uma história

Que nos encanta.

Espero que tenha gostado!

Com muito amor e carinho,

Isadora Bonetto

17/02/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Oi, Dona Sofia

Achei muito legal seu papel, mas eu tenho algumas perguntas para fazer, tipo, qual era o motivo de você mandar cartas para os moradores da cidade? E Dona Sofia você gosta de cachorro? Tenho certeza que com um cachorro sua vida seria muito melhor. E o seu Amáris como vai ele, vai bem? Você já se aposentou de escrever cartas ou ainda continua? Como é sua rotina, complicada ou normal? Como vai seu dia-dia? Eu vou te mostrar uma poesia que eu fiz.

Dona Sofia

Olá, Dona Sofia

como vai seu dia-dia

tudo na poesia?

E o seu Amáris então

manda cartas pra você,

a Dona Sônia?

Eu quando leio suas
poesias.

Sempre choro de emoção.

É ainda não está que nem as suas poesias, mas
um dia vai chegar lá.

Com carinho

Ricardo

17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

Quando voltamos das férias, nossa professora deu a matéria de peça "A Caligrafia de Dona Sofia". Nossa apresentação, tem um monte de famílias com problemas, exemplo: família um não gosta de comida, família dois não cuida das coisas, etc... Mas, quando Dona Sofia não tem mais espaço nos problemas de sua casa, passa em mandar cartas nos moradores da cidade, e, cada carta no encoraja um lugar certo. E, no fim, mandamos família mais tem problemas.

Dona Sofia, tenho umas perguntas... como você escreve tão bonito? Gosta de escrever? Para escrever lindíssimo como a senhora, precisa ter um lápis bem afiado, né? Desculpa, sou tagarela... hehe! Agora, Dona Sofia, cê tá a música que cê vai para casa:

Eu e você

Nossa amizade lá está

Música não abandona

Só se um amigo quer

Eu te amarei

E nunca te esquecerai

Da alegria pela

Meu amor 2x

E si? Gostas da música? Sabes, tia.

Com carinho, Vitor

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia,

Quando voltei das férias, a professora Carla disse que iríamos receber o roteiro de nossa peça teatral. Dona Sofia, irei fazer duas perguntas para você: Qual é o seu segredo para escrever com a letra tão bonita? Dona Sofia, como você consegue ter tanta imaginação e tanto talento? Dona Sofia, você tem tanta imaginação... uma coisa que eu não consigo explicar, mas é tão fértil. E sabe Sofia você está mudando cada vez mais o mundo, e queria te ajudar e já até escrevi duas poesias e quero te mostrar, lá vai:

Para as rosas, escreveu
 Dona Sofia, poesia e a
 leitura são eternas. Julia 17/08/2011

No meio do caminho
tinha é claro obstáculos,
eu sempre caí, e sempre
olhava para trás mas
nunca deixava ficar no chão.

Julia 17/08/2011

Queria que, se a senhora pudesse conversar
com o André Périer pedisse a ele para lan-
çar a segunda versão do livro "A Cali-
grafia de Dona Sofia", eu iria ficar mui-
to grata e também queria que você escre-
vesse poesias para minha cidade em Gra-
uataí. Por favor uma beijoca para minha
querida Poetisa.

colégio
Dom Feliciano

COLÉGIO DOM FELICIANO - GRAVATAÍ
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - 4ª SÉRIE
PROFESSORA: CARLA CARDOSO FONSECA DATA: 17/08/2011
NOME DO(A) ALUNO(A): Laura TURMA: 42

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Bom tarde, meu nome é Laura, estudo na Colégio Dom Feliciano e estou aqui para contar um pouco sobre a minha peça "A Caligrafia de Dona Sofia". Bem vamos começar, quero te perguntar algumas coisas, como você faz para ter a letra tão bonita? É você que escreve as poesias?

Adorei seu livro, é muito interessante, engracado e é um dos meus livros preferidos. Como você consegue escrever tão bem. Você sabia que a minha colega Beatriz é a Dona Sofia? Ela imita muito bem. Você já adorou conhecer ela. Quero que conheça uma poesia que eu e meu pai escrevemos:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra,

Como sempre na vida da gente

Um dia está tudo bem

No outro tão descontente.

Não desista de primeira.

Pois na vida é assim mesmo.

Tenha fé e vá em frente.

Não desista de repente!

Rogério e Laura (adaptação da poesia
de Carlos Drummond
de Andrade.)

Bom eu acho que é isso, só queria te pedir um
favor: Por favor venha à nossa peça?! Jura que vai pen-
sar?

Com carinho,

Laura

17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia
Como vão seus dias? Dona Sofia a se-
nhora ainda manda cartas aos moradores da
cidade? É como vai o seu jardim?

Dona Sofia eu sugiro que a senhora fa-
ça um livro de poesia e tenha uma mesa a
presentação artística na data 27.8.11 que é o
"Caligrafia de Dona Sofia"

Dona Sofia, quais são os tipos de flores
que você cultiva em seu jardim? Quando a se-
nhora decidiu escrever poesias nas paredes de
sua casa? Onde a senhora mora? A senhora tem
saudades de sua infância e dos tempos que
ensinava em escolas?

Minha professora Carla me contou que
sempre quis fazer a adaptação da história de Cal-

grafia de Dona Defia

Quantos anos a senhora tem? Bloco agora tem mais espaço para escrever

Com carinho

Elitório

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia,
Adoro suas poesias Sofia, faz pouco tempo que a conheço, mas já te admirei muito! Suas poesias e sua letra me encantam! Estou pensando... Suas poesias e sua letra chamaram muito a minha atenção e resolvei também fazer poesias, e queria que você me ensinasse um pouco da arte das poesias, e também a receita dos biscoitinhos de chocolate que eu A-DO-RO! E também posso te ensinar a fazer bijuterias que eu sei que você adora pulseiras e colares e me avise se vier para cá estou com saudades de você, você viu a morela de ontem? E viu que a Norma morreu? Isso foi horrível não? E o lindo castelo da morela dos seis? E já

que estou fazendo poesia, queria fazer
uma para você:

Floraia uma flor
no meu jardim,
não era rosa, e nem
vermelha e sim
uma poesia que Diana Sofia
escreveu para mim.

Tomara que tenha gostado porque fiz
com muito amor.

Com carinho,
Ana

17/08/2011



OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Quando voltei das férias de inverno a professora falou que nós vamos fazer a peça "A Caligrafia de Dona Sofia" e depois ela nos mostrou e contou a história e todas adoraram. Por isso, tenho umas perguntas para você.

- Qual é o segredo para escrever tão bem? Dona Sofia quem é Casimira de Alencar? E como você tem tanta criatividade? Última pergunta quanto tempo faz que você escreva poesias? Dona Sofia agora estou começando a gostar de poesias. Dona Sofia por isso escreva para mim umas poesias sem esquemas.

Na caminheta tinha uma pedra.

Na caminheta tinha uma pedra,

tinha uma pedra, no meio da caminheta,

e um coque medeiras,

e um boneco de lata,

no meio da caminheta tinha uma pedra

da memima que estava passando.

E a outra

Na meio da caminheta tinha uma pedra

tinha uma pedra na mão da caminha
e um Sapo homem fogueira,
um mamute gigante,
e um semeador de lata,
da maninha que estava passando.

Baijas yermias

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia

Quando nós voltamos das férias, a mana preferiu dizer que a gente ia fazer uma apresentação e fomos logo escolher o papéis. Dona Sofia, como você fez para ter uma letra tão bonita? E Dona Sofia você sempre mandando cartas, mas nunca recebe nada em troca, por que continua mandando? Dona Sofia, quanto você tem espalhador pela casa? Dona Sofia, a pessoa que interpreta você se chama Beatriz, ela interpreta você muito bem. Você é uma pessoa muito caridosa, você doa flores, cartas e etc. Vou escrever uma poesia para você,

Quem sou eu? Pedro Bandeira

E

Eu não sou o que seita. |

Eu sou do jeito que estou.

Não sou também o que eu tenho.

Eu sou mesmo quem eu sou!

Dona Dofia você gostou da Pátria? Vou
escrever outra.

Um jardineiro plantou uma rosa, uma rosa
nunca morre. Felipe Ferrugem.

Tebeu Dona Dofia

Com Carinho, Felipe.

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia
Adorei a sua ideia de escrever poesias para entregar aos moradores de sua cidade, ainda mais com essas flores lindas e cheirosas.

A cidade era cheia de brigas, discussões, briga, etc, era uma cidade infernal, mas depois que você começou a mandar as poesias mudou a cidade inteira.

Você escreveu tantas poesias que vou tentar criar uma para você

Em um jardim
Nasceu uma flor
Para uma jardineira
Com tanto amor
No seu coração

Isso grande
Que ninguém leva na mão.
Dá levar, no coração

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!
 Olá Dona Sofia, achei muito legal sua história, vou te fazer umas perguntas.
 Eu quero te perguntar qual é o segredo para ter uma letra tão bonita? Você gosta de cachorros? Você gosta de Pug que é uma raça de cachorro? Como você consegue ser amigo de todos na história? Como você conseguiu escrever nas paredes de sua casa as poesias e não sobrar nem um espaço para escrever mais? Porque você envia poesias para os moradores da cidade?
 Vou te mostrar uma poesia que eu criei:

No meio do caminho tinha
 uma pedra eu peguei na mão
 e fui para o lago jogar a
 pedra, mas sem querer eu

ouvi a mimo a forma cabeça
 de um cachorro que estava
 por perto e pedi desculpa
 para o dono do cachorro e
 Dona Sofia me deu uma
 patinha do para o dono do
 cachorro ele ficou maluco adorou
 a poesia e eu falei que só podia
 ser da Dona Sofia.

Alho eu fiz outro poesia;
 Botatimbo quando nasce espalha
 ramos pelo chão Dona
 Sofia quando escreve
 ilumina o coração.

Dona Sofia escreve poesias mmmmmuito
 bom!

Com carinho, Eduardo 17/8/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Dona Sofia, após as férias, recebemos uma proposta para fazermos as personagens da adaptação da história "A Caligrafia de Dona Sofia". Fiquei muito feliz, pois eu adorei o livro. Achei a história muito interessante.

Quando chegamos ao fim da peça, eu gostaria de refazer umas mil vezes Demore Mas também queria perguntar se você quer receber poesia? Bem mesmo não sabendo a sua resposta, eu vou fazer uma para a Senhora.

Vidas Mudadas (Daniela Duhl)

Oh! Que diferença faz,
Minha vida mudou
E me sinto feliz

Por ter a vida poética
 É agradeço a você,
 Por ser meu amigo!

Espero que você tenha gostado da poesia
 que fiz para a senhora, adorei fazer. Bem no
 dia 17 de agosto vamos apresentar a peça. Ah!
 Quero falar à senhora, que no começo da pe-
 ça fazemos um juramento assim:

furo neste momento/
 abri meu coração/
 deixar de fora do auditório/
 toda tensão/

e embarcar com essa galera/
 no mundo da emoção/
 um mundo onde a poesia/
 pode nos trazer uma grande lição

Mil beijos para você e para o seu A mamão

Daniela.

17/08/2011

De= Daniela Dill Bardoso
 Para= Dona Sofia

Amoré!
 10 seu livro
 e 10, poralém!



COLÉGIO DOM FELICIANO - GRAVATAÍ

SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - 4ª SÉRIE

PROFESSORA: CARLA CARDOSO FONSECA

DATA: 17/08/2011

NOME DO(A) ALUNO(A): CU

TURMA: 42

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

É com muita alegria que convidamos
você para nosso show "A Caligrafia de Dona Sofia".

Dona Sofia! Eu vi que a senhora gosta
de ler poesia e resolvi mandar uma, não sei
se a senhora vai gostar!

tempos atrás

Conta saudades

de outrora da vida

nos primeiros passos da vida

escondido pelo tempo

como passar na areia

na rua Ilheus

a colher frutos da garbeira

Eu fiz aquela poesia porque me inspirei em
você!

Com carinho Gui!

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia

Dona Sofia nem sei por onde começar... Suas poesias são lindas e criativas. Com suas poesias a senhora melhorou a cidade, e o carteiro hoje escreve poesias. Eu também melhorei ajudando a cidade, as famílias, realizei sonhos e a poesia é linda, suas poesias ajudaram a cidade com suas flores magníficas e cheirosas. Dona Sofia, por que a senhora sempre mandava cartas mas nunca esperava resposta? Dona Sofia, suas poesias é linda, as poesias, o jeito que a senhora muda a cidade é linda por isso resolvi escrever uma poesia para a senhora:

O amor a gente sente

Mas não se ressentia

E nem se contenta.

O amor a gente sente

E não se arrepende

No amor a gente vive

Mas a gente não procura ele

Pois ele vem atrás da gente

com muito amor e carinho

Marcia Eliza Pyl

17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

Olá Dona Sofia, como você escreve tão bonito assim? Eu estive pensando, que você escreve, escreve e escreve. Mas como tu é velha e escreve tão bonito? O carteiro da cidade ele é tão bondoso e rápido. É a própria barba disse que era a história, que ela sempre quis fazer uma apresentação dessa história e ela que fez os trinta e seis personagens.

A Beatriz que foi a Dona Sofia na apresentação, e o Lorenzo que foi o carteiro. É quantos anos tu tem? É na apresentação tem várias poesias. E tem seis familiares na apresentação. Eu acho que você vai adorar a apresentação! Eu vou contar a poesia um, que é da minha família.

O Bicho - Manuel Bandeira.

Ali ontem um bicho
Na imundície do pátio
Comendo comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa;
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um gato;
Não era um rato.

O bicho meu Deus, era um homem.
E eu gostei muito mais muito dessa
história.

Com carinho,
Arthur Ruft.

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Olá! Dona Sofia adorei a poesia que a senhora mandou para mim!

A poesia que a senhora mandou "O Bicho" - Manuel Bandeira me fez fazer uma ótima ação, eu adotei uma menina, Sofia, em homenagem à senhora, Dona Sofia!

Eu li a poesia e fui para o mercado. No caminho, eu olhei uma menina catando comida no lixo e me deu a maior pena do mundo.

Eu perguntei a onde ela morava, o que comia, se estudava, se tinha pais e ela me respondeu:

- Não! Eu não tenho casa, comida, nem estudo em lugar nenhum e não tenho família!

Dona Sofia, eu comecei a chorar e a menina me perguntou:

- Qual é o nome da senhora? Você tem filhos?
- O meu nome é Sandra. Eu sou casada, mas não tenho filhos.
- Então, a senhora gostaria de me adotar?
- Bem, eu vou ligar para o meu marido e amanhã eu falo para você tá?
- Tá!

Dai, no outro dia quando cheguei lá tinha cinco meninas com ela esperando a minha resposta.

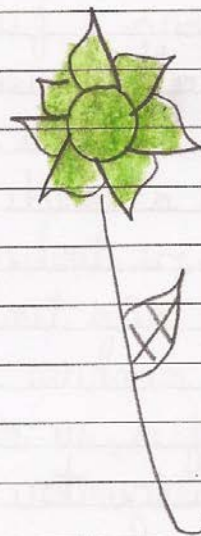
- Bem, eu acho que agora você é minha filha!!!

- Então eu te amo mamãe!

Eu te agradeço muito Dona Sofia!

grata Sandra!

17/8/11



Olá!
André,
eu amo
"A caligrafia
de Dona
Sofia"!
buna

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

Na volta às aulas, minha professora me deu o roteiro da nossa apresentação artística, que foi "A Caligrafia de Dona Sofia".

Quando li várias vezes, pensei como as artes são importantes em nossas vidas, e li que tem gente que acha que poesia só é um texto em versos com rimas. Mas já eu não acho isso. A poesia para mim, é algo especial, é algo como um sentimento, como uma inspiração. E eu quero provar isso. No roteiro da apresentação, estava mais o meu nome (ou fazer um resumo):

! Tinha seis famílias que brigaram muito, uma por causa da comida, outra por causa das flores, outra por que tinha

inveja, e por fim as famílias que brigaram que eram vizinhos. Esses conflitos deram a elas um eterno mau estar. Mas no alto da colina, na mais alta delas, morava uma velha senhora, chamada Sofia. A casa de Dona Sofia era diferente de todas as outras, porque tinha paredes decoradas de como a Igreja, com polírias.

Mas, um belo dia, ela percebeu que não havia mais espaço para escrever.

Então, com as flores que cultivava, fez cartões coloridos, premiados em flores lindas, que depois chamara Seu Amâncio e ele entregara à cidade. Para a família que brigara por causa da comida foi a poesia "O Licho", de Manuel Bandeira. Para a família das rosas foi um pensamento de Machado de Assis. Para a família que tinha inveja foi a poesia "Quem sou eu" de Pedro Bandeira. Para os vizinhos que brigavam, foi a poesia "Bons Amigos" de Machado de Assis. E já ia esquecendo, tinha uma família que achava que a filha nunca seria cantora, foi a poesia "Das utopias", de Mário Quintana. E eu é o resumo da história, mas claro, não contei de Seu Amâncio que era carteiro. Bom, Dona Sofia sempre acreditou

que a magia da poesia e da leitura
eram capazes de trazer mais beleza a
vida, e hoje quem diria, Dona Sofia aos
poucos mudou a vida da pequena cidade
sem ninguém perceber. Um beijo, Beatriz!

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia ∇∇∇

Quando saímos de férias, a professora nos avisou que iríamos fazer a peça teatral, mas para dar um suspense ela só disse quando voltamos das férias de inverno.

Quando chegamos ela disse:

- Vocês vão escolher seus personagens, ah, e a peça vai ser... "A caligrafia de Dona Sofia", vou primeiramente entregar os roteiros. Depois diz:

- Personagens escolhidos, vamos p o texto!

Todos ficaram felizes com seus personagens, logo que te ouvi falar da personagem, só que infelizmente não sou a Dona Sofia. Na outra semana, continuamos passando o texto, já na outra semana, fomos ensaiar na auditório, mas foi uma confusão, já na segunda dia já foi um pouco melhor e logo na outra semana tivemos uma surpresa, sabemos que iríamos cantar uma música em inglês.

Fomos na sala de Inglês e ensaiamos a música. Ficou perfeita no primeiro dia de ensaio, já hoje e ontem cantamos a música sem música de fundo, agora está perfeita espera que na peça fique como está e ainda melhor.

Com carinho, Dora

DATA: 17/08/11

Para o mundo, para vida,
para Diana Doria:

Se quer crescer na vida
nunca desista, siga seu
caminho e mão alhe para
trás, quer saber alhe
mas nunca desista
dos seus sonhos.

Dorado Agost

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia

Obrigado Dona Sofia por ajudar a minha família a pararmos de ficar com inveja dos outros.

Mas a verdade é que as pessoas só ficam olhando para os vizinhos dos outros e não olham para o seu.

Porém fica difícil ajudar as pessoas que precisam de ajuda.

Dona Sofia, queria te perguntar se precisa ser muito para escrever bem?

Vou ler uma poesia que eu escrevi.

Dona Sofia

da onde vem seu

estímulo para escrever

tão bem? Será que é dos

livros, talvez

ou da sua imaginação

colégio
Dom Feliciano

COLÉGIO DOM FELICIANO - GRAVATAÍ
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - 4ª SÉRIE
PROFESSORA: CARLA CARDOSO FONSECA DATA: 17/08/2011
NOME DO(A) ALUNO(A): Gabriella Zolatti TURMA: 42
Magarola

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia!

Você é uma Senhora muito legal com os moradores da cidade e com seu Ananias. Sua letra é linda, como você escreve tão bonito Dona Sofia? Bom, porque você quer mandar poesias tão bonitas? Dona Sofia, porque não deixar as pessoas guardadas?

No livro ele conta que seu Ananias ficou surpreso que tinha recebido uma carta para o próprio carteiro, a carta era...

Meus oito anos - Carmine de Alencar
Oh! que saudade que tenho
Da Aurora da minha
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores
Na aquelas tardes fagueiras,

Debaixo dos Laranjeiros!

Vou escrever um acróstico a respeito

Solidaria

h O mada

Forte

gent I l

A miga

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Pegada Dona Sofia!

Quero te ajudar com as poesias Dona Sofia, afinal sua letra é muito bonita! Dona Sofia, qual é o segredo para sua letra ser tão bonita assim?

Depois de um tempo fiquei pensando que poderia lhe dar uma poesia, e resolvi mandar a da minha prima

Meus oito anos

Ah! que saudades que eu tenho
 Dos primeiros anos da minha vida,
 Da minha infância querida,
 Que os anos não trazem mais...
 Naquele pátio úmido e irregular,
 Andava de bicicleta,
 Falava sozinho sem parar.

É lá de baixo da galuticabeira que hoje não existe
mais

De zinha Fialha Soares

Com carinho Mariana!

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Querida Dona Sofia!

Quando voltei das férias, eu não sabia falar que a gente ia fazer uma apresentação. Foi muito feliz, ainda mais quando eu falei que ia ser de poesia. Porque eu gosto muito de ler poesia.

Eu achei muito boa sua atitude de escrever cartas para os moradores da cidade e senti uma vontade maior de que eles não se tribuam e não falam que a maioria de que todo mundo na cidade lê poesia já mas uma grande correspondência.

E também mandar cartas para os seus familiares e também poesia para cada família como esta poesia.

(Quem sabe eu? Pedro Bandeira)

(...) Eu sei que sinto
Eu sei de jeito que sinto!
Não sei também e que eu tenho
Eu sei de mesma coisa eu sei!

Com carinho!

Wenderson
17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia

Olá Dona Sofia, meu nome é Bernardo. Quando voltei das férias, a professora pensou e falou para nós que a nossa peça iria ser "A Caligrafia de Dona Sofia". Quando fiquei sabendo de você, André Neves, fiquei muito feliz, por que eu adorei a peça, eu achei muito divertida e eu gostaria de te conhecer melhor. Você sabia que a minha colega Beatriz é a personagem Dona Sofia? Eu gostaria de fazer algumas perguntas para a Dona Sofia:

— Dona Sofia, qual é o segredo para escrever tão bonito?

— Você sabia que eu também gosto de escrever poesias?

Percebi que você ama escrever poesias. Agora gostaria de escrever uma poesia.

Meus oito anos

Oh! Que saudade que sinto
 da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais
 Naquele quintal de terras
 Na rua São Antônio
 Debaixo da lanterna
 Sem nenhum lozanjais!

Oswald Andrade

Eu estou lendo, essa poesia não é minha.

Com carinho,

Bernarda

Tchau, abraços

17/08/11

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Carta para Dona Sofia

Quando voltamos das férias na primeira aula da volta, nossa professora disse que íamos fazer a história "A caligrafia de Dona Sofia" eu fiquei muito feliz, porque já tinha lido a obra. É também sobre a história de Dona Sofia. Daí eu quero fazer uma pergunta para você. Qual é sua poesia favorita? Você gosta de música? Que gênero você mais gosta de ouvir? Eu gosto muito de ouvir principalmente com Catchup. É tenho mais pergunta, é sério que sua obra é tão grande assim? É também estou apresentando cada minuto de ensaio. Eu estou adorando esta história. Estou me dedicando muito.

Daí quero fazer uma pergunta, qual é o segredo de escrever tão bonito? É porque não tenho uma letra bonita. Então quero uma ajuda. No final da apresentação a tiramos e eu daí contar uma música muito linda. Que nem diz o ditado, quem conta os malhas espanta. Eu escrevi uma versão para a poesia meus antepassados.

Oh! que saudade dos meus estudos

Que saudade das matérias

Das meus brinquedos tecnológicos

Que saudade das músicas estrangeiras

Que eu continue no LinkedIn etc (ilgili, tet, etc...)

Que saudade das músicas do Michael Jackson

Em cima dos Instagram,

Eu fiz uma página no meu, onde vou fazer a representação. Com carinho, ...

OBA! PRODUÇÃO TEXTUAL!

Estamos vivendo um momento muito especial neste mês de agosto, desde que voltamos das férias de inverno e tomamos conhecimento de que nossa peça teatral seria uma adaptação da história "A caligrafia de Dona Sofia", de André Neves. Esta peça deu origem ao projeto "A vida tem mais alegria quando é recheada com poesia", no qual vimos trabalhando sobre a importância de adicionarmos mais beleza poética à vida.

Ao conhecer o texto, percebemos que a personagem principal enviava cartas aos moradores de sua cidade. Aos pouquinhos, ela foi despertando neles o gosto pela poesia. Ou seja, Dona Sofia transformou a sua cidade em um lugar melhor.

A proposta desta semana é que você escreva uma carta à Dona Sofia, dizendo a ela o que você achou de sua atitude. Pode, também, contar a ela como foi a sua experiência ao conhecer esta história, como se sentiu, etc. Enfim, redija um texto à personagem, escrevendo as suas impressões de leitura. Bom texto, autor(a)!

Estimada Dona Sofia,

Dona Sofia, gostei muito da sua atitude, de ter mandado cartas. Mas você não recebeu nada em troca? Por que continua mandando? Bem mas eu nunca pensei que poderia mudar uma cidade. E como você tem uma letra tão bonita? Por isso que eu gostei da história. Porque você ficava perdendo o seu tempo escrevendo poesias e mais você não recebia nada em troca.

Quando a professora disse que nós iríamos interpretar a história "A Caligrafia de Dona Sofia" e ela leu eu me apaixonei. Para mim é a apresentação artística melhor que vou fazer e ela que está a cima anos no Colégio Dom Feliciano.

Com carinho